

# Pólis/Cosmópolis

## Identidades Globais & Locais

**Carmen Soares, Maria do Céu Fialho  
& Thomas Figueira (coords.)**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

**CONFLITUALIDADE RELIGIOSA EM TEMPO DE PAZ.  
RELIGIÃO E POLÍTICA NA DINASTIA CONSTANTINIANA  
(Religious Conflicts in a Time of Peace. Religion and Politics in  
Constantinian Dynasty)**

PAULA BARATA DIAS (pabadias@hotmail.com)  
Universidade de Coimbra

*«Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois vim causar divisão entre o filho e seu pai, entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra, assim os inimigos do homem serão os da sua própria casa.» (Mt 10, 34)*

RESUMO – Entre o séc. IV e V o cristianismo evoluiu de religião marginalizada a religião dominante e a única a gozar de legalidade para o império romano. A cumplicidade dos imperadores contribuiu para esta progressiva homogenia e identificação entre o império como estrutura política e um outro poder, espiritual e institucional, que foi a Igreja pós-constantiniana. É nossa intenção analisar a história do cristianismo após a sua legitimação no espaço público e observar o papel que o contexto político da dinastia constantiniana exerceu na conquista da exclusividade para uma única religião, em detrimento da diversidade religiosa do mundo antigo e da modesta importância que, até então, Roma atribuía à unidade de profissão religiosa enquanto condicionante política. Esta comunhão uniforme de interesses entre Estado e Igreja foi reciprocamente benéfica, ao reforçar o centralismo, a autoridade e os mecanismos de repressão contra a divergência religiosa, percebido pelas autoridades como métodos legítimos para combater a desintegração do império.

PALAVRAS-CHAVE: Constantino, cristianismo, Antiguidade Tardia, Igreja, Édito de Milão, legislação imperial, concílios ecuménicos

ABSTRACT – Between the 4<sup>th</sup> and the 5<sup>th</sup> century, Christianity evolved from a marginalized religion to a religion of dominant status, uniquely recognized as legal by the political authorities of the Roman Empire. The sympathy and complicity of Roman emperors after Constantine contributed to a progressive homogeneity and mutual identification between the Empire, as a political structure, and the post-Constantine church, a different kind of power, both spiritual and institutional. My goal is to analyze the history of Christianity immediately after the legalization of the church, and to consider the consequences of political action by the Constantinian dynasty leading to religious uniformity and exclusivity under the Christian church. By associating their interests, the Constantinian state and church helped each other to reinforce not only unity of faith, but also centralism, authority, and political repression over religious matters as acceptable ways to avoid disintegration of the Empire.

KEYWORDS: Constantine, Christianity, Late Antiquity, Church, Edict of Milan, imperial legislation, ecumenical councils.

O tema deste trabalho teve duas principais motivações. Em primeiro lugar, celebrou-se em 2013 um milénio e sete séculos sobre o Édito de Milão, ou seja, da concessão da liberdade para o cristianismo no Império Romano. Com ele, Constantino e Licínio garantiram, para uma religião cujos fundamentos radicam numa mentalidade e civilização diferentes da grega e romana, a sua acomodação no espaço público da Antiguidade Tardia, na Europa e na cultura ocidental, no que estas têm de legatárias do mundo greco-romano.

À parte a circunstância da efeméride, em segundo lugar, portanto, entram pelas nossas casas adentro, todos os dias, as notícias que revelam serem ainda as mesmas margens do Mediterrâneo que se veem abaladas pelas divisões étnicas, políticas, económicas, sociais, em que a religião, não tendo um impacto substantivo, é evocada como bandeira identitária pelas partes desavindas e reivindicada como pretexto para os conflitos: Cairo, Damasco, Antioquia, Alepo, Istambul, a antiga Bizâncio, nunca deixaram de ser, ao longo dos séculos que separam a Antiguidade Tardia dos dias de hoje, lugares de fronteira e de confronto para a diversidade humana historicamente constituída ao longo dos tempos nestas turbulentas margens do Mediterrâneo, com quem nós, habitantes da aparentemente tranquila e tolerante Europa, partilhámos um *continuum* político. A verdade é que são hoje nítidos os sinais da permanência do mesmo tipo de respostas das autoridades políticas e religiosas face à diversidade, percebida não tanto como uma riqueza, mas como uma ameaça para a ordem da *kosmopolis*, seja esta o Império Romano dos sécs. I-V ou o arco mediterrânico de hoje.<sup>1</sup>

A natureza conflitual da religião, a dificuldade em conviver com a diferença, a reivindicação, por parte de um poder político, de um unanimismo religioso de recíproca legitimação, foram questões a que a História nos habituou, em particular até à Época moderna, com os movimentos laicistas e as progressivas reivindicações de separação da Igreja do Estado. Mesmo neste domínio, formalmente a Europa vive uma situação ambígua: no Reino Unido, nos países nórdicos e na Grécia encontramos formas nacionalizadas de religião, historicamente consagradas. Não podemos, no entanto, dizer que hoje a religião professada gera, no espaço europeu, circunstâncias de divisão entre os seus cidadãos, embora pontilhem, aqui e ali, sinais de perturbação desta neutralidade do fator religioso.

No Sul e no Leste do mediterrâneo, contudo, as linhas de fronteira são visíveis entre as diferentes versões do islão, tendo ao seu lado, como comunidades minoritárias, os outros monoteísmos mediterrânicos nascidos no mundo antigo, eles próprios mais antigos e outrora dominantes num espaço islamizado, a saber, o judaísmo e o cristianismo<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> N. do A.: Este texto foi escrito em 2013, no pico dos conflitos civis que eclodiram em alguns países de África e do Médio-Oriente após a chamada Primavera Árabe.

<sup>2</sup> Demos o exemplo do Egípto atual, em que o conflito se faz entre comunidades que defendem a refundação do Estado pós-Mubarak à luz do fundamentalismo islâmico e os que

Partamos, por isso, de uma análise muito sumária da linguagem para verificarmos que o tempo não desfez a constância da degradação da diversidade, uma vez desencadeada uma linguagem de força a partir de uma posição de poder. A intolerância religiosa face ao diferente com que o homem europeu conviveu durante séculos marcou o nosso quotidiano, despontando na linguagem contemporânea como peças arqueológicas num presente mais diverso e multicultural: cristãos ortodoxos foram todos os que emergiram do Concílio de Niceia e de Calcedónia (325-451), quando se decretou a humanidade e divindade dual de Cristo e a igualdade das Pessoas da Trindade. Ou seja, durante alguns séculos, o cristianismo latino também foi “ortodoxo”, em contraponto aos heterodoxos, ou heréticos (*haeresis*- “os que dividem”), que defendiam a natureza una de Cristo (monofisitas), entre outros. No entanto, novos cismas se produziram durante a Idade Média, e, à luz dos Patriarcados da Igreja ortodoxa de Constantinopla, Alexandria, Antioquia, Jerusalém e Moscovo, os católicos são “heterodoxos”. Mas nenhum católico, no Ocidente, dirá de si próprio que é um heterodoxo, o que se torna um contrassenso, porque se reserva pacificamente para os irmãos do Oriente o apodo de “Ortodoxo” que lhes coube desde Calcedónia.

Uma divergência religiosa não nasce do nada. Surge como “seita” “*secta*”, de *sectum* “divisão, corte” produzido numa linguagem religiosa maioritária, num momento de crise suscitada no espaço extrarreligioso. O cristianismo surge como uma *secta* para o judaísmo no séc. I d.C., pois leva consigo muito da fonte, pontilhado com a Revelação de Cristo e um relacionamento mais aberto com o mundo não judaico. Hoje, nem judeus nem cristãos se pensam desta maneira, tendo o processo histórico encarregado de exprimir, com a força dos números, a transformação das posições de poder. *Superstitio praua*, eram termos empregues nos relatos que os autores romanos fizeram no seu primeiro contacto com as práticas cristãs (Suetónio, Tácito, Plínio o Jovem). Para os que estavam ao lado do poder e da verdadeira religião, o cristianismo surgia como uma perigosa expressão religiosa que, ao contrário das outras religiões estrangeiras de fundo monoteísta acolhidas pela tolerância romana (Ísis, Mitra, Cíbele), tinha de ser reprimida.

A principal diferença entre estes monoteísmos anteriores ou contemporâneos ao cristianismo decorre da sua atitude quanto às outras expressões religiosas: o mundo antigo, mesmo quando envereda por cultos monoteístas, não exige exclusividade, numa prática secular de diversidade religiosa. Assim,

---

reivindicam a democracia laica, de créditos e virtudes mal compreendidas, porque laico era o Estado militarizado de Mubarak. A democratizada Turquia defende um frágil equilíbrio entre a liberdade de escolha e de expressão religiosa, com pequenas cedências a um movimento de islamização do Estado e das leis, consciente de que a realpolitik força a autoridade do Estado a considerar os grupos que divergem parceiros credíveis para um diálogo e uma presença no espaço público de consequências imprevisíveis.

entre os fatores que conduziram à hostilização do cristianismo pelas autoridades romanas nos primeiros séculos está a percepção da perigosidade de uma *secta* que, não se limitando a existir, defendia propósitos incompatíveis com o dever do cidadão romano, o de prestar culto ao imperador e aos deuses protetores de Roma, contrato em que assentava o bem-estar público e a preservação da ordem. A maioria não cristã do séc. II, verdadeira praticante de *religio* (entregue à uma multiplicidade de cultos igualmente lícitos), concordaria com as vozes críticas do cristianismo que o classificaram como uma *superstitio*.

Esta situação inverteu-se quando, ao tornar-se dominante, o cristianismo se afirmou como religião universal (*catholica*), e os cultos não cristãos, politeístas e henoteístas foram considerados manifestações religiosas restritas, superstições rústicas, das pessoas pouco instruídas que eram os habitantes do *pagus*, os *paganani*. Neste processo, o cristianismo construiu a sua posição de força religiosa, material e política no centro da sociedade romana, uma vez cristianizadas as elites urbanas. Assim, inverte-se a linguagem: as *superstitiones* passaram a ser as crenças vagas e pouco estruturadas dos habitantes remetidos para a periferia do sistema económico e social do mundo romano.

O biógrafo Eusébio de Cesareia e o polemista e orador Lactâncio contribuíram para deixar da época constantiniana – caracterizada pela afirmação militar e política de Constantino sobre os outros tetrarcas, e que corresponde sensivelmente ao primeiro terço do séc. IV – uma imagem de restauração da autoridade imperial, associada à Paz entre o Estado romano e os cristãos. Chegado ao poder unitário, após um desgastante período de Guerra civil, Constantino pacificou o império nas duas frentes, militar e religiosa. Tornou-se senhor absoluto no Ocidente, ao derrotar o rival Maxêncio em 212, após a Batalha da Ponte Mílvia. Logo em 313, Constantino e Licínio, o Augusto do Oriente, proclamam o Édito de Liberdade para os cristãos, no qual se consagra o estatuto de *religio licita* para o cristianismo<sup>3</sup>.

Política e religião, reciprocamente legitimadas, unidas na pessoa do imperador, serão as traves que hão-de sustentar a génese estruturante das nações pós-romanas. Ressalta deste Imperador a determinação de colocar as instituições e a política a dialogar com a Igreja, sob a legitimação de uma religiosidade homogénea, una e *catholica*<sup>4</sup>.

O primeiro imperador a assumir-se cristão permaneceu na história da Europa cristã como modelo e fundamento das relações patrimoniais e diplomáticas entre uma religião e o Estado. A construção da imagem de Constantino conforma-se, contudo, a uma interpretação da sua biografia, quando, logo em

---

<sup>3</sup> Ver a tradução comentada do édito de Galério (311) e do Édito de Constantino (313) nas in Dias 2012: 43-47.

<sup>4</sup> Dias 2013: 455-464.

313, trouxe a Igreja até ao estatuto jurídico de *persona christianorum*<sup>5</sup>, o que lhe conferiu a visibilidade institucional e legitimidade patrimonial decorrente da sua integração na *romanitas*. Deixou de ser, portanto, um assunto da justiça e da sanção penal pela ilicitude e pelo *crimen*, para ser alvo da regulamentação do direito comum: pode ser interpelada ou ela própria interpelar em sede de justiça, deter património e agir sobre ele. Este acesso legal ao espaço público, na verdade algo com origem relativamente neutra, pois tratou-se de atribuir à cristandade prerrogativas que outros colégios e associações beneficiavam dentro da liberalidade romana, constituiu o primeiro de muitos atos de aproximação e de influência recíprocas entre o Estado romano e a Igreja durante a dinastia constantiniana, após os quais a projeção da Igreja no século estaria consolidada<sup>6</sup>.

Para este processo contribuiu o facto de a época de Constantino ter sido percecionada pelos seus contemporâneos como um retorno à Paz e de o reinado de seu filho se ter erigido como o tempo da “reparação dos anos felizes”. Com eles, a propaganda fez vingar a ideologia do retorno à estabilidade imperial, proporcionada pela ausência de *intestina bella*, ou seja, de conflitos dentro do império, que haviam sido tenebrosamente despertados com a queda de Diocleciano, trazendo à memória de muitos os anos em que Roma quase desapareceu, os da instabilidade do séc. III<sup>7</sup>. A perceção da Paz teve efeitos reforçados sobre um particular tipo de súbditos imperiais, os cristãos, que viram terminado o período de perseguição.

Paralelamente, assistimos à deslocação progressiva dos interesses estratégicos do imperador para a parte grega do império, concluída com a deslocação da sede imperial para a nova Constantinopla<sup>8</sup>. Mas a presença no espaço público e a

---

<sup>5</sup> Dias 2012: 47.

<sup>6</sup> Conjugam-se circunstâncias favoráveis, em muitos aspetos fortuitas: Constantino manteve o poder, partilhado ou em exercício solitário, trinta e dois anos. Silvestre I, papa praticamente seu contemporâneo (314-335), foi o primeiro papa a ser canonizado sem ter sofrido martírio. Constantino teve uma família numerosa, gerindo com dureza a sua sucessão, e tornou-a cooperante com o exercício de um poder unificado. Constâncio II (338-361) deu continuidade à transformação iniciada pelo seu Pai, como diria um insuspeito César Juliano em 356, numa das suas *Orationes* (1, 9) “é como se o teu pai ainda governasse”, num panegírico politicamente correto. Petri 1989: 113-178.

<sup>7</sup> A estabilização imperial, de cunho centralizador, apoiada na lealdade do exército, sendo uma característica do modelo monocrático de Constantino não põe em causa a fórmula política da tetrarquia, uma vez que designava figuras de poder intermédio, embora as relações familiares, naturais e em resultado de casamentos diplomáticos se constituíssem penhor e não garantia de lealdade. Ruggini 1989: 179-243. Cf. o prólogo de Lactâncio, *De Mortibus Persecutorum* 1, 1-3. (nossa trad.) “O Senhor ouviu as tuas preces, caríssimo Donato [...] vê que todos os nossos adversários foram aniquilados, e que a paz foi devolvida a toda a terra, a Igreja, dantes abatida, hoje se ergue (...) é que Deus fez surgir príncipes que destruíram o governo cruel e criminoso dos tiranos e forneceram o maior bem aos homens, dissipando a nuvem de uma época triste, outorgando a todos os corações a alegria e a doçura de uma paz serena...”

<sup>8</sup> A razão parece-nos suficientemente lógica: o maior número de cristãos estava na parte oriental do império, e eram já uma importante percentagem da demografia das grandes cidades helenófonas (Alexandria, Antioquia, Nicomédia, Constantinopla, todas sedes provinciais;

progressiva identificação com o poder político tornam visíveis a natureza diversa e ainda problemática do cristianismo. A diversidade de expressões do cristianismo, associada à sua transversalidade social e presença disseminada, refletiu, não um, mas muitos cristianismos. Este desenvolveu-se de modo fulgurante a partir de pequenos núcleos semeados pela atividade proselítica dos apóstolos e seus sucessores, inicialmente em torno de casas privadas, depois, enfrentando as perseguições esporádicas e assistemáticas, em torno dos bispos e das cidades imperiais, num regime de grande descontinuidade temporal e espacial.

Apontemos, portanto, as principais causas para esta diversidade de “cristianismos” na alvorada da *Pax* Constantiniana:

Em primeiro lugar, muitas comunidades de cristãos viram, com frequência, uma geração dos seus membros ser perturbada pelas perseguições intermitentes. A perturbação sobre as comunidades prolongava-se para além da perda de vidas humanas como consequência dos martírios. O alcance particular de algumas medidas revelavam-se danosas para a estabilidade, continuidade de cultura e robustez do próprio núcleo teológico: os bispos, presbíteros e batizados eram, por esta ordem, os principais visados nas perseguições. Os bens eram-lhe confiscados, os livros sagrados, as relíquias e as alfaías litúrgicas, encerrados ou destruídos os lugares de culto. Afetando a face visível da Igreja, a ação persecutória do Estado romano não teve sucesso, não só pela ausência de um esforço contínuo e concertado nesse sentido, mas também porque não afetava o espaço íntimo da igreja militante, a que garantia, pela missão de proximidade, a difusão da fé.

Esta continuava assente no ambiente doméstico, entregue aos seus mais caraterísticos habitantes, mulheres, servos, jovens, partilhado em cumplicidade e segredo entre os aderentes. Periodicamente, portanto, as Igrejas recolhiam ao seu ponto de partida, o da segurança do espaço interno do lar, de hierarquia difusa, mas essencialmente horizontal, entre os seus membros, vivendo entre si a experiência religiosa, sem grandes comunicações com comunidades análogas.

Em segundo lugar, o princípio da autonomia apostólica era ainda dominante. Apesar de a cátedra de Pedro em Roma ser reconhecida como o lugar de martírio de Pedro e de Paulo, esta preeminência teve, ao princípio, uma incidência mais espiritual do que temporal ou administrativa. Esteve claramente ameaçada pela progressiva perda de importância da capital do império face às novas capitais, em particular as que aliavam a legitimidade de lugar apostólico (lugar de primeira pregação dos apóstolos, ou do seu martírio), com uma importância económica e política (Antioquia, Jerusalém, Alexandria, Éfeso, Corinto).

---

mas também Cesareia, Jerusalém, Éfeso, Constantinopla). Além do efeito da quantidade, a Igreja a Oriente apresentava um maior grau de organização hierárquica e uma mais elevada presença nos meios intelectuais. Marrou 1963: 26-35.

Em terceiro lugar, destaque-se aquilo a que se pode chamar de “incompleteza” da mensagem evangélica, sendo esta característica essencial para a identidade do cristianismo enquanto religião revelada, dotada de um texto que é, ele próprio, o relato da Revelação (o Evangelho). O cristianismo resulta da Revelação contida nos evangelhos e da interpretação que dela foi feita pelos homens. Este discurso não cobria todos os aspetos da vida, deixando margem para a continuidade do trabalho e da construção dos homens nas coisas de Deus. Para o cristianismo, em particular o católico romano, essa é a missão da Igreja, e a Revelação, pela ação do Espírito Santo, continua a operar-se ainda hoje. Como se o livro não estivesse fechado, portanto. E a margem da interpretação humana sobre todos os documentos ligados à génese do cristianismo e considerados inspirados é enorme, como o prova o trabalho dos Padres da Igreja na Antiguidade Tardia. Portanto, o cristianismo é, sobretudo interpretação sobre a experiência da vida e feitos de Jesus, relatada por terceiros, nos Evangelhos.

Em quarto lugar, temos como fator adjuvante da diversidade dentro do cristianismo o substrato social, filosófico e religioso de acolhimento do cristianismo. Este não se desenvolveu no vazio, antes conquistou e ocupou um espaço público modelado por outras vivências religiosas. A conversão de cada consciência, de cada espaço mental fazia-se sobretudo em acomodação do novo credo dentro da matriz cultural, as memórias, a formação, a mentalidade prévias de cada um, de que ninguém se desfazia *ex abrupto*.

S. Paulo foi exemplo do pragmatismo no espalhar do Evangelho fazendo uso das expectativas do seu destinatário, adaptando assim no método a ser usado, que era o de persuasão, diante de um destinatário novo. No discurso do Areópago, em Atenas (Act. 17, 22-23), o Apóstolo mostra-se capaz de transmitir o cristianismo aproveitando as fissuras do que poderia ser percebido como menos consequente para as estruturas mentais do mundo antigo: começa por elogiar a *eusebeia* dos Atenienses, até lhes apresentar Cristo como o Deus que desconheciam, mas a quem até já haviam, como era próprio da sua natureza sensata e expectante, erigido um altar. Mesmo como os efeitos deste discurso denotam, o risco de se ser rejeitado era considerável.

Também Pedro, ao sair do cenáculo, após a descida do Espírito Santo no Pentecostes (Act. 2, 1-4), fala uma língua que cada um que o ouve entende como sendo a sua língua materna, numa espécie de “tradução automática miraculosa”. A glossolalia é bem o símbolo da capacidade e também da vontade de acomodação da revelação cristã à especificidade cultural de cada um. Reside nesta adaptabilidade o sucesso do proselitismo cristão, ou seja, em que a mesma mensagem chega a cada um de modo plástico, de modo a adaptar-se às expectativas e à realidade de base.

Será pois compreensível o retrato, ou melhor, os retratos, desta Igreja descentralizada em núcleos que reproduziam, *grasso modo*, a administração provincial de Diocleciano, com as dioceses a constituírem as sedes episcopais, resultando os seus líderes das escolhas a partir das comunidades de base. Verdade é que a *Pax* entre a Igreja e o Século trazida pela liberdade constantiniana foi,



no interior das comunidades religiosas, um período de agitação também porque, pela primeira vez, as igrejas enquanto instituições e comunidades hierarquizadas, puderam conhecer-se reciprocamente, relacionando-se entre si e buscando um modo de relacionamento com as outras estruturas sociais licitamente estabelecidas.

Com largos efeitos sobre a diversidade da expressão dogmática, litúrgica, artística e literária, o cristianismo dos três primeiros séculos trouxera consigo uma explosão de criatividade que, no novo contexto de cumplicidade e aliança com um poder imperial ideologicamente centralizador, era urgente ordenar. A época constantiniana constitui para a Igreja um período de “ordenação da casa” porque, compreensivelmente, esta beneficia da tranquilidade que lhe permitiu observar-se a si própria, e, uma vez resolvida a questão da sobrevivência, dominante nos três primeiros séculos, urgia unificar o corpo dogmático do cristianismo, os princípios da catequese, a liturgia, o calendário cristão, o cânone de textos sagrados, os lugares de culto, a disciplina hierárquica.

O processo de fixação do cânone dos textos sagrados para os cristãos tornou-se um bom exemplo da lenta sedimentação de uma ortodoxia, ou de uma voz dominante. Os autores que se pronunciam pela canonicidade ou não de determinados textos raciocinaram sobre uma realidade de facto: quais eram os livros maioritários? Que textos as comunidades elegeram para sua orientação? Ireneu de Lião, Tertuliano, Tatiano, Marcião (séc. II-III), cristãos que se pronunciaram, em algum momento, sobre a canonicidade dos textos bíblicos, criticaram textos em uso a que tiveram acesso, e não textos que pudessem vir a usar, que não conheciam. A primeira condição para um juízo crítico era ser atestado o seu uso nas comunidades cristãs. Os menos lidos, os menos consensuais (e, neste domínio, como se sabe, funcionou o princípio do *consensus*, isto é, são mais credíveis os textos que se apresentam conformes com uma maioria), migraram para a periferia do sistema literário do cristianismo, fixaram-se em determinadas comunidades mais isoladas, em línguas de estatuto regional, como o Siríaco, o Copta e o Arménio. O estágio dos textos entre comunidades, ao longo de gerações, contribuiu para a sua aceitabilidade quando, tempos após, sobre eles pendeu um juízo hermenêutico<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Segundo o Biógrafo Eusébio de Cesareia (VC 4, 36). Data do período constantiniano a fixação do cânone de textos sagrados, em particular o NT (veja-se o cânone revelado por L. Muratori a partir de um ms. do séc. II, apresentou já lista de textos canónicos para o NT estável, e semelhante à atual). Atanásio de Alexandria, (Ep. 36), em 367, enumerava já a lista atual, que é, segundo as suas palavras “*kanonizomena*”, isto é “modelo aceite como norma”. A avaliação do Patriarca Alexandrino é testemunho da dominância do princípio da consensualidade: a questão estabilizara como uma realidade de facto, porque era aceite por todos. S. Dâmaso e S. Jerónimo, no final do séc. IV, apresentam já uma ordem diferente de preocupações para além da discussão da canonicidade, percebida como resolvida: tratava-se agora de garantir fiabilidade interna aos textos canónicos através de um exercício de revisão das fontes, análise das traduções e crítica textual. Fixar o texto numa versão oficial representa também recusar, ou remeter para o silêncio, o que se classifica como heterodoxo.

Não se pretende branquear quaisquer exercícios de censura sobre versões divergentes da Revelação num período de busca de unanimidade, mas antes atenuar as consequências de eventuais atos deliberados. A avaliação de certos textos como periféricos também se desenvolveu nas próprias comunidades cristãs primitivas que, ao apoiarem a circulação de uns e ao colocarem de lado outros, condenaram os últimos a uma menor difusão, logo, à sua segregação. Este exercício chegou, em grande parte, concluído ao séc. IV, cabendo ao imperador, com a sua ascendência, dar voz a um modelo já aceite: assim, sabe-se, pela *Vida de Constantino*, que ele autorizou a reprodução de cinquenta exemplares da Bíblia, em 331, para serem distribuídos pelas Igrejas da sua nova capital. Ou seja, depreendemos que, nas proximidades do Imperador, um novo cristão e da sua nova cidade, havia uma Bíblia percebida como consensual, com suficiente mérito para servir de modelo à cópias legadas às Igrejas da nova capital.

Em meados do séc. V, contudo, toda esta predisposição para a diversidade havia sido neutralizada, ficando a imagem oficial do cristianismo clara e homogênea: tinha, portanto, nascido o catolicismo.

No entanto, o processo de sedimentação textual, disciplinar e dogmática da Igreja dentro de uma ortodoxia, apresentado segundo esta lógica racional, não faz justiça a uma circunstância que conduziu este processo de construção da ortodoxia, que foi o do envolvimento empenhado da dinastia imperial na pessoa dos seus príncipes<sup>10</sup>.

Recupere-se a feliz expressão de H. Marrou, que, ao comentar a harmonização entre a gestão dos problemas religiosos e os problemas políticos no quotidiano institucional do período constantiniano, pautando-se pelo propósito da união de interesses (op. cit., 28) “*il y a compénétration intime entre les deux*”. O imperador converte-se no *episcopos ton ektos* – “o bispo das coisas externas da Igreja”. Esta ascendência política deve, portanto, ser sempre tida em conta quando se fala da fixação da identidade e do dogma cristão que ocupou estes dois séculos pós-constantinianos. Ou seja, a versão do cristianismo que emergiu, não só nos aspetos institucionais<sup>11</sup>, mas

---

<sup>10</sup> Constantino estava profundamente lúcido quanto ao lugar de vigilante que lhe cabia. Eusébio de Cesareia, *Vita Constantini* 4, 24 narra que o próprio, num banquete cerimonial oferecido aos Bispos, afirmaria: “que também ele era um bispo”, dirigindo-se a eles com as palavras que testemunhei – se vós sois bispos dos assuntos internos da Igreja, eu, é como se fosse. E na verdade as suas palavras eram exatas, pois vigiou todos os assuntos com um zelo episcopal, e exortava-o, tanto quanto podia, a conduzirem uma vida prudente (*eusebe bion metadiokein*)” (nossa tradução).

<sup>11</sup> Gaudemet 1947: 25-61, p. 27 ss: as dezoito constituições (entre 313 e 335) legislam sobre as três religiões, cristianismo (as várias correntes, data de 313 a primeira intervenção imperial sobre questões internas da Igreja, e é sobre o Donatismo), judaísmo e, indistintamente consideradas, as religiões tradicionais. Aos bispos é reconhecido poder de julgar, e os cristãos podem optar pela apresentação das suas causas à autoridade religiosa (CTH 1, 16, 2, 5). Com

também ideológicos e teológicos, encontra-se fortemente implicada com a supervisão imperial.

O envolvimento político nas questões internas da Igreja fundamentava-se numa conceção ideológica de Estado absoluto próprio do império: o bom governo e a preservação do império implicavam garantir o apoio das forças religiosas protetoras de Roma. Com a cristianização promovida por Constantino, a nova religião deveria, como as outras, e a partir da escolha afetiva do imperador, mais do que as outras, zelar pela continuidade de Roma. Por isso, para o Imperador, participar e ser protagonista do processo de sedimentação do dogma e da organização da Igreja em curso é uma extensão do seu *imperium*. Deste modo, não se alhear do “problema religioso” cristão, participar, influenciar e, através da iniciativa legislativa, formular medidas de enquadramento da Igreja e seus agentes no Século, fizeram parte da estratégia de construir a unanimidade e união entre os súbditos, eliminando ou neutralizando os focos de cisão percebidos como ameaçadores para a preservação de Roma assente num ideário de *Pax* e da *reparatio* da propaganda imperial.

Além da ideologia de princípio, o período conturbado da história da Igreja no séc. IV constituiu uma circunstância agravante para a necessidade de o poder político intervir de vários modos nas questões religiosas, em particular nas que tivessem incidência sobre a organização social, o acesso e a intervenção no espaço público<sup>12</sup>.

Paralelamente, a construção e a imposição aos súbditos desta unanimidade, em condições sociais e económicas bastante degradadas como foram as do último século da Roma do Ocidente, converteram-se num agravamento da

---

ganhos evidentes para a estabilização do património eclesiástico; em 320, são abolidas as penalizações patrimoniais quanto ao celibato e viuvez que datavam da legislação augustana; em 321, o direito de *manumissio* atribuído às igrejas (CTh1. 4, 7, 1); o direito a testamar em benefício da Igreja (CTh 1. 16, 2, 4); o repouso generalizado do *Dies Solis* (CTh 1. 2, 8, 1), são exemplos de disposições que, ordenando um modo *sub lege* na relação entre o Estado e a Igreja, com ganhos para a paz pública, dentro e fora da Igreja, representam, progressivamente, uma alienação das responsabilidades jurídicas do estado, que delega, numa instituição que considera credível e honorável, *funções extra-religiosas*.

<sup>12</sup> Elliott, Th. 1990: 349-353 deixa claro que não há alterações significativas de referentes e de retórica entre os panegíricos imperiais e as inscrições em honra dos imperadores pré-constantinianos e pós constantinianos. O próprio Eusébio de Cesareia nos dá conta desta linguagem de poder que associa o Imperador à vontade da divindade (o *instintu diuinitatis* inscrito no Arco de Constantino), em que se salvaguarda a pose sacerdotal do Imperador, mas sem os sinais específicos da sua identificação com o Deus cristão, em particular com a figura de Cristo. Cf. também o *Laus Constantini* (V, 1-5) composto por Eusébio de Cesareia (Martin 2005: 125-126, nossa tradução), em que se define a função imperial como uma epistasia (vigilância): «...corajoso graças às suas ligações com a potência do alto (*anotato metaschon dunameos andreios*). É com justiça que ele carrega o título de imperador, ele, cujas qualidades de espírito conformaram as virtudes imperiais como uma prefiguração do reino do universo (...) considera o governo dos humanos como um ministério de vigilância (*epistasian ousa*) e de ajuda ao desenrolar de uma vida breve e passageira...”

intolerância face à divergência, identificada como uma ameaça à *oikonomia*. A linguagem unanimista e o reforço da propaganda da paz e da concórdia nacionais formularam-se em coerência com a modelação de um cristianismo oficial pouco disponível para a diversidade religiosa, viesse ela do paganismo sobrevivente, ou da heterodoxia cristã de cuja gênese falámos anteriormente.

É neste sentido que nos parece dever ser enquadrado o protagonismo dos imperadores no período de discussão dogmática que se situa entre a celebração dos quatro concílios ecuménicos do séc. IV-V, Concílio de Niceia de 325 d.C.; Constantinopla de 380; Éfeso I, 431 e Éfeso II em 449; e o Concílio da Calcedónia de 451 d.C.: após este período, resulta uma imagem mais depurada, mais definida da Igreja, que é, no núcleo das verdades fundamentais da fé, a mesma de hoje. A fórmula da fé (o Credo) em debate em todos os concílios mencionados estabilizou no modelo de Calcedónia, mas cada palavra foi pensada, pesada, disputada entre partes desavindas, adotando o imperador a função de presidente moderador, árbitro, e instância de apelo.

A unidade interna da fé constituiu um trabalho de desbaste da divergência, um exercício de purificação e de restrição face à liberdade especulativa e exuberância de inspiração e de práticas que o cristianismo até então gozara, animado pelo vigoroso motor da vivência religiosa a partir das bases. Neste domínio, o abraço e a vigilância imperial convergiram com um propósito unificador e condicionaram as partes desavindas em função de um programa político, para quem era reconfortante um modelo monolítico de cristianismo, porque se conformava com uma ordem cósmica e política em harmonia de formulação antiga: uma visão uniforme da fé, uma hierarquia eclesiástica, humana e territorialmente decalcada da administração civil, dócil e reconhecedora da ascendência do imperador sobre a Igreja, em sintonia com o esforço de unidade em torno do imperador e do frágil ideal de império apesar de todas as forças desintegradoras do mesmo se encontrarem já em marcha, é o retrato da Igreja desejada por Constantino, alcançada pela dinastia Constantiniana, por Teodósio I e II, os Imperadores vigentes e interventores nos concílios ecuménicos<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> A este propósito, destaque-se que, mesmo Galério, o imperador que suspendeu a perseguição dos cristãos em 311, dá sinal, no seu Édito, de que os cristãos “nem o próprio Deus dos Cristãos respeitam” (nossa tradução de Lactânio 2013, *De Mortibus Persecutorum*, 34-35, in Dias 2012: 44) no que consideramos ser uma alusão à carga conflitual já exibida pelo cristianismo antes de Constantino. O Édito de Galério, aliás, adota o tom condescendente de quem considera que, ao conferir legalidade ao cristianismo, está a por em prática uma estratégia de contenção de males. Os primeiros cismas na Igreja a merecerem a atenção imperial ocorreram no Ocidente, e em causa estavam questões de interpretação pastoral ou divergências do calendário litúrgico. Na África do norte, primeiro o Novacianismo, depois o Donatismo traziam à discussão o delicado assunto dos *lapsi*, ou seja, qual o estatuto dos cristãos que, diante da perseguição, apostasiavam. Em 314, um ano após proclamar a liberdade da Igreja, Constantino convoca um sínodo em Arles para confirmar as decisões da Igreja provincial de Cartago anteriormente tomadas. Minerath 1996. Também Eusébio

Portanto, parece-nos fundamental destacar que, da parte dos imperadores da dinastia constantiniana, a aproximação, adesão e o favorecimento do cristianismo devem ser percebidos dentro de um propósito estratégico e político, por muito cativante ou interessante que seja observar os relatos das conversões dos imperadores e a intervenção de fatores transcendentais nas mesmas. Não discutimos o crédito ou o interesse na análise das mesmas. Mas, como motivação principal, parece-nos restritivo aceitar a motivação transcendental, em termos de racionalidade histórica.

Esta pode ser discutida ao nível da ficção alegórica do poder e explorada enquanto discurso literário, mas não pode integrar a procura mais objetiva dos processos históricos. Assim, estamos em crer que a emotiva conversão de Constantino ao cristianismo após a visão da Batalha da Ponte Mílvia convive mal com o calculismo da sua ação, que, sendo favorável aos cristãos, se revela gradual, feita de progressivas concessões, visando a gestão de um frágil equilíbrio perante as crises de unidade da Igreja e os problemas do império. A vitória de Constantino sobre os seus rivais, só concluída uma década após a vitória sobre Maxêncio, acordou um império exangue, dilacerado por toda a espécie de conflitos.

Já no édito de Tolerância de Galério, de 311, é possível constatar que o cristianismo se revela, na linguagem jurídica do documento imperial, como uma questão a ser regulamentada, não porque seja um bem, mas porque é preferível para a ordem do Estado que as questões a ele associadas decorram *in lege*. No essencial, este modo de agir, mesmo com imperadores solidários ou eles próprios cristãos, não se alterou com Constantino e seus sucessores. A salvaguarda e a preeminência da função imperial, que havia sofrido uma clara erosão durante o séc. III, necessitavam de ser aceites e reconhecidas pelo importante grupo de pressão que era a comunidade de cristãos, em particular pelas suas elites urbanas, líderes de opinião dentro das suas fações, e frequentemente associadas ao ministério episcopal<sup>14</sup>. De certo modo, o estado romano tardo-antigo cristianizado serve-se da bem organizada e sedutora máquina de envolvimento das consciências proporcionada pela Igreja, com uma notável capacidade de gerar paixões e de galvanizar multidões, como veículo para comunicar e manter reconhecível o estatuto sagrado do imperador e o zelo pela continuidade de Roma,

---

de Cesareia (Eusébio, HE 10, 5) dá conta de que Constantino e Licínio aprovaram, com o Édito de Milão, a liberdade de culto para os “judeus, samaritanos, marcionítas, montanistas, novacianos, sabelianos”, o que indicia uma diversidade dos monoteísmos judeo-cristãos no séc. IV e um retrato muito complexo da paisagem religiosa.

<sup>14</sup> Millar 2006: 131: “the bishops came, as is well known, both to play a large part in the managements and physical development of cities, and to speak for them to officials in the imperial service”. No domínio religioso, a popularidade e a adesão ao cristianismo das massas urbanas das cidades orientais trouxeram à visibilidade grupos turbulentos, empenhados em refletir no Século as suas concepções religiosas.

posto que esta fora escolhida pela providência divina como legatária do tempo imperfeito e provisório de passagem dos homens na terra.

Constantino tomou medidas favoráveis aos cristãos, começando justamente pela estabilização material da Igreja, o que prova a sua atitude empenhada numa Igreja institucionalmente forte. Ela tornou-se herdeira dos mártires que pereceram nas Perseguições e pôde ser constituída sujeito de doações feitas livremente. Proibiu que os cristãos fossem escravizados por alguém não cristão. Foi generoso com as igrejas e santuários, contribuindo para restaurar o que havia sido destruído ou patrocinando novos espaços<sup>15</sup>. As leis acompanharam a transformação social, aceleraram-na, e transmitiram a aspiração de um Estado ideal para quem legisla. Não há, no império, zonas cinzentas à presença do imperador. E quando uma parte significativa dos seus súbditos professam o cristianismo, religião até então fora da ordem pública, então é bom que o imperador se torne presente, íntegro, exerça autoridade e legisle sobre esta realidade que se afirmava com tanto vigor. Manifesta-se portanto uma simbiose de interesses entre o poder político e o poder religioso.

Além disso, o exercício de cargos eclesiásticos, nomeadamente o do episcopado, tornou-se um lugar de poder cada vez mais importante e acessível aos membros das famílias tradicionais do império. Graças à legislação de Constantino, estes postos concentravam recursos materiais próprios disponíveis para a assistência e o serviço público. Estes cristãos, entre consagrados e leigos, foram chamados a constituir a corte régia, por vontade imperial substituindo o aparato pagão, o que é sinal da nobilitação e de reconhecimento público inerentes ao estatuto cristão, operado sob a continuidade da simbologia do poder em Roma entre o período pré-cristão e a época constantiniana<sup>16</sup>.

<sup>15</sup> Eusébio de Cesareia, *VC*, II.36.1. III, 27, 1III, 28, 1.

<sup>16</sup> A *VC* (1, 16, 2; 32, 3; 42, 1) menciona que Constantino reformou a sua corte, integrando nela homens da Igreja. As inovações jurídicas de Constantino contribuíram para a integração na vida pública dos titulares de cargos religiosos. Algumas destas iniciativas nasceram, na governação constantiniana, enquanto formas de estender os direitos dos sacerdotes das religiões pagãs e dos *collegia* tradicionais aos *clerici* e às *ecclesiae*: os membros da cúria que fossem clérigos beneficiavam de isenções fiscais (CTh. 16.2.1-2); o direito à constituição de tribunais próprios para julgamento de assuntos internos (CTh. 16.8.2-16.8.4). Outras, embora sejam apresentadas com motivações pragmáticas, resultam num claro benefício da Igreja, pois atribuíam aos bispos competências que os equiparavam ou os colocavam como substitutos dos executores da administração imperial civil e militar: é o caso da licença para usar o *cursus publicus*, o correio e os entrepostos imperiais exclusivos para os funcionários imperiais, por ocasião da celebração do Concílio ecuménico de Niceia de 325, convocado pelo imperador. Tal como está redigida, tratou-se de uma medida conjuntural, destinada a facilitar a deslocação dos delegados ao concílio. Mas não foi revogada (também porque as discussões conciliares provinciais se tornaram frequentes). Em 382, este privilégio passou a ter uma formulação definitiva (CTh. 12.12.9). Os bispos passaram também a exercer a *manumissio in ecclesia*, isto é, o direito de manumissão dos escravos pelos cristãos na Igreja tinha a mesma validade legal que pelos meios tradicionais (CTh. 1.13.1); os membros do clero podiam libertar os seus

Um aspeto nos parece relevante para explicar as motivações do Imperador: envolver-se e interferir nas questões da Igreja são tarefas inerentes ao propósito de garantir a estabilidade e a paz públicas, uma vez que a Igreja se havia tornado um espaço de conflito interno, por interpretações teológicas divergentes que serviam de pretexto para a reivindicação de causas particulares, como foram a rivalidade estratégica das cidades orientais como Alexandria e Antioquia face ao abraço apertado da hegemónica Constantinopla.

Um exemplo paradigmático deste delicado esforço de retirar benefícios políticos de legitimação da ordem e do poder instituído, fosse ele civil ou religioso, constitui o modo ambíguo como poder e Igreja secular lidaram com o monaquismo. Detendo este as suas origens na espiritualidade ascética dos primórdios do cristianismo, onde se manteve como força ativa na modelação da Igreja, eclodiu, a partir deste século IV, como um movimento de contestação ao acordo entre a Igreja e o poder político centralizado, e de crítica aos benefícios que estas duas estruturas de poder se vão, mutuamente, concedendo (isto é, a Igreja legítima e íntegra o imperador na ordem sacerdotal e este promove a sua integração no século).

Os primeiros testemunhos de disposições jurídicas conciliares ou imperiais dirigidos aos monges dão conta da reserva que estes inspiravam aos detentores do poder político e eclesiástico, pela sua mobilização, espírito contestatário e perturbação da ordem pública, fosse em atos violentos de destruição dos lugares pagãos, fosse na volatilidade com que se reviam na causa da sua ortodoxia, que consideravam lícito defender pela violência. Esta forma de cristianismo sofreu também um processo de conformação ao século, e disso dá-nos conta toda a determinação imperial e episcopal em garantir que os monges não deambulassem (a estabilidade passa a ser uma virtude), sobretudo pelas cidades, adotassem formas comunitárias de vida *sub regula uel sub abbate*, por fim, que estas comunidades, ainda que internamente autónomas, não existissem à revelia do Bispo da diocese em que se instalam<sup>17</sup>.

### EM CONCLUSÃO:

As intervenções imperiais em prol da unidade religiosa, qualquer que fosse a linha teológica desta unidade, como se pode verificar pela oscilação imperial

---

servos por testamento ou por uma simples declaração, sem necessidade de testemunhas (CTh. 4.7.1). Em 321, a situação inverteu-se, quando os bispos absorveram a prerrogativa de *notatio manumissionis*, isto é, de serem eles a confirmar, por documento, a libertação de escravos (“*affranchissement*” DACL 1 (1924): 554-76). A prática veio a mostrar que muitos senhores cristãos libertavam os seus escravos por ocasião do baptismo, do diaconato, da ordenação ou da recepção do hábito monástico. Em 412, os bispos passaram a ser também os *notatores* das crianças órfãs (CTh. 5.9). Nestas circunstâncias, a aprovação destas leis pode resultar de um hábil reconhecimento dos factos: a Igreja lidaria com um maior volume de manumissões e, uma vez diminuídas as práticas sociais o aborto e a exposição de crianças, também era ela quem acolhia as crianças não desejadas.

<sup>17</sup> Dias 2011: 1-34.

entre o apoio ao arianismo e a linha ortodoxa, decorria, em primeiro lugar, da própria função imperial em garantir que as forças ativas do império se empenhavam na preservação de Roma. Em segundo lugar, tratava-se de uma estratégia pragmática de afirmação do poder do Estado, mantendo este a sua *auctoritas* e identificação com os interesses da sociedade pelo seu envolvimento e incorporação dos grupos com crescente influência e demograficamente significativos.

Em terceiro lugar, a aproximação do Imperador às questões internas da Igreja decorreu, também, do contexto “aberto” em que emergiu o cristianismo após a sua legalização. Como pudemos explicar, muito havia que fazer pela Igreja no sentido de definir o seu lugar no século e mesmo a substância doutrinal que sustentava a sua identidade. Quando o Imperador Constantino recebeu o assunto da Igreja, esta encontrava-se suficientemente fluída no plano institucional e organizativo, o que lhe permitiu condicionar a sua inserção em sociedades milenares, hostis ou neutras à novidade cristã, necessariamente desformatadas para acolher institucionalmente e legalmente o cristianismo.

Acresce a este cenário a própria circunstância histórica de crise e fragmentação do Estado romano, tendência com altos e baixos mas consistente movimento de fundo desde o séc. III. Mesmo as intervenções legislativas dos imperadores que versam questões religiosas constituem, frequentemente, *rescriptiones*, ou seja, respostas diante de um relatório ou de uma exposição; ou *petitiones*, apresentadas pelos delegados municipais, mostrando portanto que a autoridade imperial perdera o comando dos acontecimentos, restando-lhe reagir face ao curso imparável da história. Cada vez mais os interlocutores locais da autoridade imperial eram bispos, a quem foi sendo delegado o exercício do poder temporal sobre os cristãos.

Esta medida, que nascera com a finalidade de garantir aos cristãos a gestão dos seus assuntos segundo os seus valores e critérios, na época ainda plural do período constantiniano, teria um efeito gigantesco, numa sociedade que caminhava, progressivamente, para o domínio dos cristãos sobre o espaço público urbano. Se todos são cristãos, então os bispos legitimam-se como novos agentes da coisa pública e novos funcionários numa época de progressivo abandono do estado das suas funções administrativas e militares, tornando-se, com frequência, as únicas autoridades consistentes, os únicos mediadores legitimados para dialogar com o Imperador ou com os invasores, que ameaçavam a segurança urbana.

Desta forma se dissolveu a fronteira entre o religioso e o não religioso. Assim, com a Antiguidade Tardia cristã, nascera esta forma particular de instabilidade social, e política associada a controvérsias de identidade religiosa<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Rapp 2005: 236; s.v. “Access to the Emperor: *Parrhesia* of Bishops and Holy men”: 260-262, sobre a permissão concedida aos bispos de realizar atos jurídicos até então pertencentes ao estado, como a transmissão da propriedade, a aplicação da justiça.



Assim, os imperadores foram instados pelos líderes religiosos locais a intervirem como moderadores e decisores na controvérsia donatista no Norte de África; no cisma meleciano no Egito; na longa crise arianista das províncias orientais que se estenderia até ao Ocidente. E isto sucede não só porque ele é um legítimo interventor nas questões teológicas da Igreja, mas sobretudo porque estas controvérsias assumiram contornos de perturbação e de instabilidade sobre a ordem pública do império.

O envolvimento imperial nas questões internas da Igreja não nasceu de modo potencial ou preventivo, tal como as crises de heterodoxia tornadas públicas a partir do séc. IV não constituíram exercícios especulativos e teóricos sobre o modelo de cristianismo a seguir. Império e Igreja responderam a crises declaradas, sentidas sinceramente como ameaças à unidade e à autoridade. Tanto o Imperador como as autoridades eclesiásticas agiram, pela elaboração de leis, pela fixação de dogmas conciliares e controlo da ordem pública, sobre uma realidade em mutação efervescente, pondo em risco a unidade espiritual do Império, e com ela a concórdia e a unanimidade em torno da preservação de Roma.

Até ao período constantiniano, a unanimidade de fé religiosa nunca tinha sido, ao longo da sua história, um desiderato, ou uma condição para a estabilidade de Roma. O princípio da liberdade e da não exclusividade religiosa da Roma pré-cristã, tolerante face aos cultos estrangeiros, traduzia-se no pequeno impacto que o sagrado, sobretudo a fé individual de cada um, exercia sobre a condução do Estado. Bastava que as mais variadas expressões, não exclusivas entre si, aceitassem conviver com as exigências dos cultos cívicos ao imperador, família imperial e à deusa Roma.

Todo este equilíbrio se rompeu com a progressiva elevação do cristianismo a religião dominante, alçada a religião exclusiva e de propósitos ecuménicos, universalistas, militantemente contra a diversidade religiosa no espaço público e na esfera privada. Esta impossibilidade intrínseca em o cristianismo antigo incorporar a diferença e diversidade religiosas contribuiu para que todas as ameaças a este unanimismo, viessem elas da fricção entre os cultos tradicionais do velho paganismo com a nova ordem cristã, viessem da heterodoxia interna ao próprio cristianismo, se tornassem um problema grave de unidade social e política, de consequências gravíssimas para a concórdia da pátria.

## BIBLIOGRAFIA FINAL

- AA.VV. (1990), *Archéologie de la vigne et du vin. Actes du colloque 28-29 mai 1988*, Paris.
- AA.VV. (1992), *Archeologia del paesaggio. IV Ciclo di lezioni sulla ricerca applicata in archeologia, Certosa di Pontignano (Siena) 14 - 26 gennaio 1991*, Firenze.
- AA.VV. (1997), *Uomo, acqua e paesaggio. Atti dell'incontro di studio sul tema irregimentazione delle acque e trasformazione del paesaggio antico*, S. Maria Capua Vetere 22 - 23 novembre 1996, Roma.
- AA.VV. (1998), *El vi a l'antiguitat. Economia, producció i comerç al Mediterrani occidental. II Colloqui internacional d'arqueologia romana. Actes. Badalona, 6 - 9 de maig de 1998*, Badalona.
- AA.VV. (1999), *El vino en la antigüedad romana. Simposio arqueología del vino, Jérez 2, 3 y 4 de octubre 1996*, Madrid.
- AA.VV. (1999b), *Environmental reconstruction in Mediterranean landscape archaeology*, Oxford.
- AA.VV. (2001), *La cerveza en la antigüedad*, Sevilla.
- AA.VV. (2004), *Le vin. Nectar des dieux, génie des hommes*, Gollion.
- Abascal, J. Manuel, Espinosa, Urbano (1989), *La ciudad hispano-romana. Privilegio y poder*, Logronho.
- Abásolo, J. A., Mayer, M. (1997), "Inscripciones latinas", in S. Corchón (coord.), *La Cueva de la Griega de Pedraza (Segovia)*, Zamora, 183-259.
- Abbondanza, L. (ed.) (2008), *Filostrato Maggiore*, Milano.
- Acosta-Hughes, B. (2002), *Polyeideia. The Iambi of Callimachus and the Archaic Iambic Tradition*, Berkeley and Los Angeles.
- Adams, C. (2001), "There and back again. Getting around in Roman Egypt", in Adams, C. and R. Laurence (eds.), *Travel and Geography in the Roman Empire*, Londres and Nova Iorque, 138-166.
- Adams, J. N. (2003), *Bilingualism and the Latin language*, Cambridge.
- Adams, J. N. (2003a), "Romanitas and the Latin language", *CQ* 53: 184-205.
- Affatato, R. (2010), "Nueva York: recepción del mito de la ciudad en Federico García Lorca e Italo Calvino", in J. M. Losada Goya (ed.), *Mito y mundo contemporáneo. La recepción de los mitos antiguos, medievales y modernos en la literatura contemporánea*, Bari, 627-640.
- Albuquerque, M. de (1968), *O poder político no Renascimento português*, Lisboa.
- Albuquerque, M. de (1981), "Bártolo e bartolismo na história do direito português", *Boletim do Ministério da Justiça* 304: 41-61.
- Albuquerque, M. de (1983), *Estudos de cultura portuguesa*, I, Lisboa.

- Alexandrescu-Vianu, M. (1988), "O nouă posibilă genealogie a familiei lui Hippolochos, fiul lui Theodotod, de la Histria", *SCIVA* 39.3: 275-280.
- Alexandrescu-Vianu, M. (1989), "Apollon Ietros. Ein verschollener Gott Ioniens?", *IstMitt* 39: 115-122.
- Alexandrescu-Vianu, M. (1990), "Die Steinskulptur von Histria", in P. Alexandrescu, W. Schuller (eds.) *Histria. Eine Griechenstadt an der rumänischen Schwarzmeerküste*, Xenia. Konstanzer Althistorische Vorträge und Forschungen 25, Konstanz, 179-232.
- Alexandrescu-Vianu, M. (2000), "Une alternative d'identification de la statue colossale d'Istros", in A. Avram, M. Babeş (eds.) *Civilisation grecque et cultures antiques périphériques. Hommages à P. Alexandrescu à son 70<sup>e</sup> anniversaire*, Bucarest, 274-281.
- Alexandridis, A. (2004), *Die Frauen des römischen Kaiserhauses. Eine Untersuchung ihrer bildlichen Darstellung von Livia bis Iulia Domna*, Mainz.
- Alfayé, S., Marco, F. (2008), "Religion, language and identity in Hispania: Celtiberian and Lusitanian rock inscriptions", in R. Häußler (ed.), *Romanisation et épigraphie. Etudes interdisciplinaires sur l'acculturation et l'identité dans l'Empire romain*, Montagne.
- Alföldi, A. (1948), *The conversion of Constantine and Pagan Rome*, Oxford.
- Alföldy, G. (1969), *Fasti Hispanienses*, Wiesbaden.
- Alföldy, G. (1973), *Flamines provinciae Hispaniae citerioris*, Madrid.
- Alföldy, G. (1991), "Augustus und die Inschriften: Tradition und Innovation. Die Geburt der imperialen Epigraphik", *Gymnasium* 98: 289-324.
- Allen, A. (1951), *History of political thought in the sixteenth century*. London
- Altaner, B., Stuiber, A. (2<sup>a</sup> ed. 1972), *Patrologia*, São Paulo.
- Amouretti, M.C., Brun J.-P. (eds.) (1993), *La production du vin et de l'huile en Méditerranée. Actes du symposium international organisé par le Centre Camille Jullian et le Centre archéologique du Var, Aix-en-Provence et Toulon 20-22 novembre 1991* (BCH suppl. 26), Athènes.
- Ando, C. (2003), "A Religion for the Empire", in A. J. Boyle, W. J. Dominik (eds.), *Flavian Rome. Culture, Image, Text*, Leiden, Boston 323-344.
- Ando, C. (2006), "Interpretatio Romana", in L. de Blois, P. Funke, J. Hahn, (eds.), *The Impact of Imperial Rome on Religions, Ritual and Religious Life in the Roman Empire, Proceedings of the Fifth Workshop of the International Network Impact of Empire (Roman Empire 200 B.C. - A.D. 476.)*, Leiden, Boston 51-65.
- Andrade, A. A. (1959), *S. Tomás de Aquino no período áureo da filosofia portuguesa*, Lisboa.
- Andrade, A. A. de (1965), *Antologia do pensamento político português (séc. XVI)*, vol. I. Lisboa.

- Andrade, M. (1974), “Lira Paulistana”, in *Poesias completas*, São Paulo.
- Andreu, J. (2004), *Edictum, Municipium y Lex: Hispania en época flavia (69-96 d. C.)*, BAR Int. Ser. 1293, Oxford.
- Antonietti, C. (1999), “Megara e le sue colonie: unità storico-culturale?”, in C. Antonetti, P. Lévêque (eds.) *Il dinamismo della colonizzazione greca, Atti della tavola rotonda “Espansione e colonizzazione greca di età arcaica: metodologie e problemi a confronto”, Venezia, 10-11/11*, Besançon-Paris, 17-24.
- Aquino, T. de (1946), *Des lois de Saint Thomas d'Aquin*. Texte traduit et présenté par J. de la Croix Kaelin O. P., Paris.
- Arnaldi, A. (2010), “Osservazioni sul flaminato dei *Divi* nelle provincie africane”, in M. Milanese, P. Ruggeri, C. Vismara, (eds.), *L'Africa romana. Luoghi e le forme dei mestieri e della produzione nelle provincie africane. Atti del XVIII convegno di studio. Olbia 11-14 dicembre 2008*, vol. III, Roma, 1645-1665.
- Arruda, A. M. (2005), “O 1º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século”, *O Arqueólogo Português Série IV*: 23: 59-74.
- Arzone, A. (2011), “Alcune considerazioni sulle immagini di pietre miliari e sui riferimenti alle strade nel documento monetale”, in *I miliari lungo le strade dell'Impero*. Caselle di Somma campagna Verona, 77-92.
- Asensi, R. M., Musso, O. (1990), “Un documento etrusco di Tarragona”, *Quaderni della sezione di Studi Storici Alberto Boscolo* 1: 5-11.
- Aston, M. (1997), *Interpreting the landscape. Landscape archaeology and local history*, London.
- ATL = B.D. Meritt, WadeGery, H.T., McGregor, M.F., *The Athenian Tribute Lists*, 4 vs, Princeton.
- Aubert, J.-M. (1955), *Le droit romain dans l'oeuvre de Saint Thomas*, Paris.
- Avery, H. C. (1971), “Euripides' *Heraclidae*”, *AJPh* 92: 539-565.
- Avram, A., Lefèvre, F. (1995), “Les cultes de Callatis et l'oracle de Delphes”, *REG* 108: 7-23.
- Bacchielli, L. (1986), “Monumenti funerari a forma di *cupula*: origine e diffusione in Italia meridionale”, in A. Mastino (ed.), *L' Africa Romana: atti del 3. convegno di studio Sassari 13-15 dicembre 1985*, Sassari, 303-319.
- Bailly, A. (1963), *Dictionnaire grec-français*, Paris.
- Balass, G. (s.d.), “The Female Breast as a Source of Charity: Artistic Depictions of *Caritas Romana*”, [www.Academia.edu/4006836](http://www.Academia.edu/4006836).
- Baldassarre, I. (1979), “Zetema (Ζήτημα)” (a. 1973), *Enciclopedia dell'Arte Antica*, Suppl. 1979: 944-945.
- Baldassarre, I., Bragantini, I., Morselli, C. and Taglietti, F. (1996), *Necropoli di Porto. Isola Sacra*, Roma.

- Balil, A. (1984-88), "Las *cupae* de *Barcino*. Contribución al estudio de un tipo de monumento funerario romano", *Arqueologia e Historia*: 111-115.
- Baratta, G. (1993), "Una divinità gallo-romana. *Sucellus*. Un'ipotesi interpretativa", *ArchCl* 45: 233-247.
- Baratta, G. (1994), "*Circa Alpes ligneis vasis condunt circulisque cingunt*", *ArchClass* 46: 232-260.
- Baratta, G. (1997), "Le botti: dati e questioni", in *Techniques et économie antique et médiévale. Le temps de l'innovation. Colloque international, Aix-en-Provence 21-23 Mai 1997*, Paris, 109-112.
- Baratta, G. (1997), "*Sucellus*", in *Enciclopedia dell'Arte Antica classica e orientale*, Supplemento 1991-1994, V, Roma, 482.
- Baratta, G. (2005a), "La *cupa* nell'ambito femminile: dalla *caupona* al *loculus*?", in F. Cenerini, A. Buonopane (eds.), *Donna e vita cittadina nella documentazione epigrafica*, 95-108.
- Baratta, G. (2005b), *Römische Kelteranlagen auf der italienischen Halbinsel. Ein Überblick über die schriftlichen, bildlichen und archäologischen Quellen (200 v.Chr. - 400. n.Chr.)* (Cornucopia, 11), Murcia.
- Baratta, G. (2005c), "Appunti sulle variabili e costanti dell'*interpretatio* religiosa nell'occidente romano, in F. de Oliveira, (ed.), *Génesis e consolidação da Ideia de Europa*, vol.III, *O Mundo Romano*, Coimbra, 123-134
- Baratta, G. (2006a), "Alcune osservazioni sulla genesi e la diffusione delle *cupae*", in *Atti del XVI Convegno internazionale de L'Africa Romana* (Rabat, 15-19 dicembre 2004), Roma, 355-368.
- Baratta, G. (2006b), "Nuovi dati sull'iconografia delle mandorle nei sarcofagi strigilati. Un primo approccio ad un corpus", *Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia dell'Università di Macerata* 26: 65-120.
- Baratta, G. (2007), "La mandorla centrale dei sarcofagi strigilati. Un campo iconografico ed i suoi simboli", in F. Hoelscher, T. Hoelscher (eds.), *Römische Bilderwelten. Von der Wirklichkeit zum Bild und zurück. Kolloquium der Gerda Henkel Stiftung am Deutschen Archäologischen Institut Rom*, Heidelberg, 191-215.
- Baron, H. (1938), "Cicero and the Roman civic spirit in the Middle Ages and the Early Renaissance", *Bulletin of the John Rylands Library* 22: 84-89.
- Baron, H. (1970), *La crisi del primo Rinascimento italiano*, Firenze.
- Barresi, P. (2007), "Il sofista Flavio Damiano di Efeso e la costruzione di termeginnasi nell'Asia Minore romana di età imperiale", in O. D. Cordovana, M. Galli, (eds.), *Arte e memoria culturale nell'età della Seconda Sofistica*, Catania, 137-151.
- Barros, J. de (1919), *Geografia d'Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes*, Porto.

- Barros, J. de (1937), *Panegíricos – Panegrico de D. João III e da Infanta D. Maria*, Texto restituído, prefácio e notas por M. Rodrigues Lapa, Lisboa.
- Bassignano, M.S. (1974), *I flaminato nelle provincie romane dell’Africa*, Roma.
- Bastos, E. (1991), *Entre o escândalo e o sucesso. A semana de 22 e o Armory show*, Campinas.
- Battaglia, M. (2003), “Il Vulcano dei Germani in Giulio Cesare (B.G. VI, 21, 1). Un caso di *interpretatio*?” *Athenaeum* 91: 373-401.
- Beagon, M. (2005), *The Elder Pliny on the Human Animal: Natural History Book 7*, Oxford.
- Beard, M., North, J., Price, S. (1998), *Religions of Rome*, vol. I, *A History*, Cambridge.
- Behr, C.A. (ed.) (1973), *Aristides*, vol. I, *Panathenaic Oration in Defence of Oratory*, London.
- Behrends, M. et alii (eds.) (2000), *Hygin. L’oeuvre gromatique*, Luxemburg.
- Bejarano Osorio, A. M. (1996), “Sepulturas de incineración en la necrópolis oriental de Mérida: las variantes de *cupae* monolíticas”, *Anas* 9: 37-58.
- Belmonte, J. A. (2010), “Documentación fenicio-púnica en la Península Ibérica: estado de la cuestión”, in G. Carrasco y J. C. Oliva (eds.), *El Mediterráneo antiguo: lenguas y escrituras*, Cuenca, 159-220.
- Beltrán, F. ed. (1995), *Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en occidente*, Zaragoza.
- Beltrán, F. (2000), “La vida en la frontera”, in F. Beltrán, M. Martín-Bueno y F. Pina, *Roma en la Cuenca Media del Ebro. La romanización en Aragón*, Zaragoza.
- Beltrán, F. (2002), “Identidad cívica y adhesión al príncipe en las emisiones municipales hispanas”, in F. Marco, F. Pina y J. Remesal (eds.), *Religión y propaganda política en el mundo romano*, Barcelona, 159-187.
- Beltrán, F. (2004), “El latín en la Hispania romana: una perspectiva histórica”, in R. Cano (ed.), *Historia de la lengua española*, Barcelona, 83-106.
- Beltrán, F. (2004a), “*Nos Celtis genitos et ex Hiberis*. Apuntes sobre las identidades colectivas en Celtiberia”, in G. Cruz Andreotti y B. Mora Serrano (eds.), *Identidades étnicas – Identidades políticas en el mundo prerromano hispano*, *Kronion* 1, Málaga, 87-145.
- Beltrán, F. (2004b), “De nuevo sobre la tésera Froehner”, *Palaeohispanica* 4: 45-65.
- Beltrán, F. (2004c), “Imagen y escritura en la moneda hispánica”, in F. Chaves y F. J. García (eds.), *Moneta qua scripta. La moneda como soporte de la escritura. Actas del III Encuentro Peninsular de Numismática Antigua*, Anejos de *AEspA* 33: 125-139.

- Beltrán, F. (2004d), “Libertos y cultura epigráfica en la Hispania republicana”, in F. Marco, F. Pina y J. Remesal (eds.), *Vivir en tierra extraña: emigración e integración cultural en el mundo antiguo*, Barcelona, 151-175.
- Beltrán, F. (2005), “Cultura escrita, epigrafía y ciudad en el ámbito paleohispánico”, *Palaeohispanica* 5: 21-56.
- Beltrán, F. (2006), “Hispania y el Mediterráneo en los siglos II y I a. E.: diversidad cultural y movilidad social”, in F. de Oliveira, P. Thiercy, R. Vilaça (eds.), *O mar greco-latino*, Coimbra, 223-240.
- Beltrán, F. (2009), “Vltra eos palos. Una nueva lectura de la línea 7 de la *Tabula Contrebiensis*”, in *Espacios, usos y formas de la epigrafía hispana en épocas antigua y tardoantigua. Homenaje al Dr. Armin U. Stylow*, Anejos de *AEspA* 48: 33-42.
- Beltrán, F. (2011), “Lengua e identidad en la Hispania romana”, *Palaeohispanica* 11:19-59.
- Beltrán, F. (2011a), “¿Firmas de artesano o sedes de asociaciones comerciales? A propósito de los epígrafes musivos de Caminreal (E.7.1), Andelo (K.28.1) y El Burgo de Ebro (*HEp* 11, 2001, 621 = *AE* 2001, 1237)”, in E. Luján y J. M. García Alonso (eds.), *A Greek man in the Iberian street. Papers in Linguistics and Epigraphy in honour of Javier de Hoz. Innsbrucker Beiträge zur Sprachwissenschaft* 140, Innsbruck, 139-147.
- Beltrán, F. (2011b), “Les colonies latines d’Hispanie (IIe siècle av. E.): émigration italique et intégration politique”, in N. Barrandon y F. Kirbihler (eds.), *Les gouverneurs et les provinciaux sous la République romaine*, Rennes, 131-144.
- Beltrán, F. (2012), “Roma y la epigrafía ibérica sobre piedra del nordeste peninsular”, *Palaeohispanica* 12: 9-30.
- Beltrán, F. (inédito), “Diversidad cultural y epigrafía: el ejemplo de Hispania”, *XII Congressus Internationalis epigraphiae Graecae et Latinae*, Barcelona septiembre de 2002.
- Beltrán, F., Estarán, M. J. (2011), “Comunicación epigráfica e inscripciones bilingües en la Península Ibérica”, in C. Ruiz Darasse y E. Luján (eds.), *Contacts linguistiques dans l’Occident méditerranéen antique. Collection de la Casa de Velázquez* (126), Madrid, 9-25.
- Beltrán, F., Velaza, J. (2009), “De etnias y monedas: las “cecas vasconas”, una revisión crítica”, in J. Andreu (ed.), *Los vascones de las fuentes antiguas: en torno a una etnia de la antigüedad peninsular*, Barcelona, 99-126.
- Beltrán, F., Arasa, F. (1979-1980), “Los itineraria privata en la epigrafía latina”, *Historia Antiqua*, 9-10: 7-29.
- Beltrán, F., Jordán, C., Marco, F. (2005), “Novedades epigráficas en Peñalba de Villastar (Teruel)”, *Palaeohispanica* 5: 911-956.
- Bentley, J. H. (1978), *Politics and culture in Renaissance Naples*, Princeton.

- Berciu, I., Wolski, W. (1970), "Un nouveau type de tombe mise au jour à *Apulum* et le problème des sarcophages à voûte de l'Empire romain", *Latomus* 29: 919-965.
- Bergmann, M. (1998), *Die Strahlen der Herrscher. Theomorphes und politische Symbolik im Hellenismus und in der römischen Kaiserzeit*, Mainz.
- Berruti, V., Magistà, A. (eds.) (2009), *L'automobile. Marche e modelli dalle origini a oggi*, vol. 6, *Lancia*, Roma.
- Besnier M., Chapot, V. (1913), "Via", *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, 5, Paris, 777-817.
- Bettini, C. (2008), "Tre Valascos nell'Italia del quattrocento: Meser Valasco di Vespasiano da Bisticci, Petrus Vallascis di Cataldo Siculo e Vasco Fernandes de Lucena", *Humanitas* 60: 205-226.
- Bettini, M., Boldrini, M., Calabrese, O., Piccinni, G. (eds.) (2010), *Miti di città*, Siena.
- Binsfeld, W. (1979), "Zu treverischen Kultdenkmälern", in *Festschrift 100 Jahre Rheinisches Landesmuseum Trier. Beiträge zur Archäologie und Kunst des Trierer Landes*, Mainz, 263-269.
- Blackman, D. (1969), "The Athenian Navy and Allied Naval Contributions in the Pentecontaetia", *GRBS* 10: 179-216.
- Blanco Freijeiro, A. (1977), *El puente de Alcántara en su contexto histórico*, Madrid.
- Boardman, J. (1986), *I Greci sui Mari. Traffici e Colonie*, Trad. ital., Firenze, Giunti.
- Boffo, L. (1975), "Cimone e gli alleatidi Atene", *RIL* 109: 442-50.
- Bol, R. (1984). *Das Statuenprogramm des Herodes-Atticus-Nymphäums*, Berlin.
- Bona, G. (ed.) (1988), *Pindaro. I peani*, Cuneo.
- Bonfante, G., Bonfante, L. (2002), *The Etruscan language. An introduction. Revised edition*, Manchester and New York.
- Bonneville, J.-N. (1981), "Les *cupae* de Barcelone: les origines du type monumental", *MCV* 17: 5-38.
- Bontems, C. (1965), *Le prince dans la France des XVIe e XVIIe siècles*, Paris.
- Bordenache, G. (1960), "Antichità greche e romane nel nuovo Museo di Mangalia", *Dacia* N. S. 4: 489-509.
- Bordenache, G. (1961), "Histria alla luce del suo materiale scultoreo", *Dacia* N. S., 185-211. fig. 16.
- Bordenache, G. (1969), *Sculture greche e romane del Museo Nazionale di Antichità di Bucarest I. Statue e rilievi di culto, elementi architettonici e decorativi*, Bukarest.
- Boschung, D. (1993a), *Die Bildnisse des Augustus*, Berlin.



- Boschung, D. (1993b), "Die Bildungstypen der julisch-claudischen Kaiserfamilie: ein kritischer Forschungsbericht", *JRA* 6: 39-79
- Boschung, D. (2002), *Gens Augusta. Untersuchungen zu Aufstellung, Wirkung und Bedeutung der Statuengruppen des julisch-claudischen Kaiserhauses*, Mainz.
- Boucher, S. (1987), "L'image et les fonctions du dieu *Sucellus*", *Caesarodunum* 23: 77-85.
- Boulanger, A. (1923), *Aelius Aristide et la sophistique dans la province d'Asie au II<sup>e</sup> siècle de notre ère*, Paris.
- Bowersock, G.W. (1969), *Greek Sophists in the Roman Empire*, Oxford.
- Braancamp Freire A. (ed.) (1916), *Notícias da Vida de André de Resende pelo Beneficiado Francisco Leitão Ferreira*, Lisboa.
- Bracco, V. (1985), "Il tabellarius di Polla", *Epigraphica* 47: 93-97.
- Brandão, M. (1937), *Documentos de D. João III*, I, Coimbra.
- Brandt, H. (1998), *Geschichte der römischer Kaiserzeit. Von Diokletian und Konstantin bis zum Ende der konstantinische Dynastie (264-363)*, Berlin.
- Briant, P. (2002), *From Cyrus to Alexander. A History of the Persian Empire*, Winona Lake.
- Brown, B.R. (1957), *Ptolemaic Paintings and Mosaics and the Alexandrian style*, Cambridge.
- Brown, T. S. (1946), "Euhemerus and the Historians", *HTbR* 39: 259-274.
- Brun, J.-P. (1986), *L'oléiculture antique en Provence. Les huiliers du département du Var* (RANArb suppl. 15), Paris.
- Brun, J.-P. (2003), *Le vin et l'huile dans la Méditerranée antique. Viticulture, oléiculture et procédés de transformation*, Paris.
- Brun, J.-P. (2004), *Archéologie du vin et de l'huile dans l'empire romain*, Paris.
- Brun, J.-P. (2005), *Archéologie du vin et d'huile en Gaule romaine*, Paris.
- Bruneau, P. (1985), "Deliaca. Iconographie. L'image de Delos personifiée e pyxides de Spina", *BCH* 109: 551-556.
- Búa, C. (1997), "Dialectos indoeuropeos na franxa occidental hispânica", in G. Pereira (ed.), *Galicia fai dous mil anos. O feito diferencial galego, volumen I. Historia*, Santiago de Compostela, 51-99.
- Buck, R. J. (1979), *A History of Boeotia*, Edmonton.
- Bulloch, A. W (1985), *Callimachus. The Fifth Hymn*, Cambridge.
- Bulloch, A. W (2010), "Hymns and Encomia", in J. J. Clauss and M. Cuypers (eds.), *A Companion to Hellenistic Literature*, Malden/Oxford, 166-180.
- Burazacchini, G. (ed.) (2005), *Troia tra realtà e legenda*, Parma.
- Burckhardt J. (1949), *The Age of Constantine the Great*, Berkeley.

- Burke, P. (1987 3<sup>a</sup> ed.), *The Italian Renaissance culture and society in Italy*, Cambridge.
- Burkert, W. (1991), *Mito e Mitologia*, Ed. 70, Lisboa.
- Burkhalter-Arce, F. (2002), “Le tarif de Coptos”. La douane de Coptos, les fermiers de l’apostolion et le préfet du desert de Bérénice”, *Topoi* Supp. 3: 199-233.
- Burnett, A. P. (2005), *Pindar’s Songs for Young Athletes of Aigina*, Oxford.
- Bury, J. B., Cook, S. A., Adcock, F. E. (eds.), *The Cambridge Ancient History*, Vol. 4, Cambridge.
- Butcher, K. (2003), *Roman Syria and the Near East*, London.
- Buxton, R. (ed.) (1999), *From Myth to Reason? Studies in the Development of Greek Thought*, Oxford.
- Caccamo Caltabiano, M. (2003), “Messana/Tyche sulle monete della città dello stretto”, in *Archeologia del Mediterraneo. Studi in onore di Ernesto De Miro*, Roma, 139-149.
- Cadotte, A. (2007), *La romanisation des dieux. L’interpretatio romana en Afrique du Nord sous le Haut-Empire* (Religions in the Graeco-Roman world 158), Leiden.
- Caiado, H. (1745), *Eclogae et Sylvae et Epigrammata*, in Pe. A. dos Reis, *Corpus illustrium poetarum Lusitanorum, qui latine scripserunt*, Lisboa.
- Cairns, D. L. (2010), *Bacchylides: five epinician odes (3, 5, 9, 11, 13)*, Cambridge.
- Camia, F. (2011), *Theoi sebastoi. Il culto degli imperatori romani in Grecia (provincia Achaia) nel secondo secolo D.C.*, Athina.
- Caldera de Castro, M. D. P. (1978), “Una sepultura de cupa hallada en Mérida. (Consideraciones acerca de estos monumentos funerarios)”, *Habis* 9: 455-463.
- Calderón Dorda, E., De Lazzer, A., Pellizer, E., (eds.) (2003), *Corpus Plutarchi Moraliū*, Naples.
- Calvino, I. (1996), “Diario americano, 1959-1966”, in *Eremita a Parigi. Pagine autobiografiche*, Milano, 20-124.
- Calvino, I. (1996a), *Città invisibili*, Milano.
- Camargos, M. (2001), *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana*, São Paulo.
- Cameron A. (1993), *The later Roman empire: AD 284–430*, Cambridge.
- Cantemir, D. (2006), *The Salvation of the Wise Man and the Ruin of the Sinful World [...]*, ed., trans., notes, indices Ioana Feodorov, Editura Academiei, Bucuresti.
- Cantemirius, D. (1973), *Descriptio antiqui et hodierni status Moldaviae/ Dimitrie Cantemir, Descrierea Moldovei*, trans. Gh. Gutu, introd. Maria Holban, hist. com. N. Stoicescu, cartographical study Vintilă Mihailescu, index Ioana Constantinescu, note D. M. Pippidi, Bucuresti.

- Cantemirius, D. (2006), *Descriptio antiqui et hodierni status Moldaviae/ Dimitrie Cantemir, Principele Moldovei, Descrierea stării de odinioară și de astăzi a Moldovei*, ed., trans. Dan Slusanschi, Bucuresti.
- Cantineau, J. (1935), *Grammaire du palmyrénien épigraphique*, Le Caire.
- Carcopino, J.(s/d), *A vida quotidiana em Roma no apogeu do Império* (trad A. J. Saraiva), Lisboa.
- Cardim Ribeiro, J. (2002), “Soli Aeterno Lunae. O santuário”, *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*, Lisboa, 235-239.
- Cardim Ribeiro, J. (2005), “O *deus sanctus Endovellicus* durante a romanidade. Uma interpretatio local de Faunus-Silvanus?”, *Palaehispanica* 5: 721-766.
- Carlier p. (1990), *Démosthène*, Paris.
- Carneiro, A., d’Encarnação, J., de Oliveira, J., Teixeira, Cl. (2008), “Uma inscrição votiva em língua lusitana”, *Palaeohispanica* 8: 167-178.
- Caro, A. (2009), “Una fase decisiva en la evolución de la publicidad: la transición del producto a la marca”, *Pensar la publicidad*, III, 2: 109-114.
- Caro, A. (2010), *Comprender la publicidad*, Barcelona.
- Cartledge, P. (2009), *Ancient Greek Political Thought in Practice*, Cambridge.
- Carvalho, J. de (1947-1948), *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*, 2 vols. Coimbra.
- Carvalho, J. de (1949), *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XV*, Coimbra.
- Cascudo, L. C. (1974), *Prelúdio e fuga do real*, Natal.
- Cascudo, L. C. (1983), *Civilização e Cultura, pesquisas e notas de etnografia geral*, Belo Horizonte.
- Cascudo, L. C. (1983, 2ª ed.), *Anúbis e outros ensaios. Mitologia e folclore*, Rio de Janeiro, Natal.
- Cascudo, L. C. (1987), *História dos nossos gestos*, Belo Horizonte, São Paulo.
- Cascudo, L.C. (1966), “História de um livro perdido”, *Arquivos do Instituto de Antropologia “Câmara Cascudo”* 2.1-2: 5-19.
- Castelli, E. (1951) (ed.), *Umanesimo e Scienza politica. Atti del congresso Internazionale di Studi Umanistici, Roma-Firenze, 1949*, Milano.
- Castillo, C. (1998), “Los *flamines* provinciales de la Bética”, *REA* 100: 437-460
- Cawkwell, G. (2005), *The Greek Wars. The Failure of Persia*, Oxford.
- Cesarano, M. (2015), In honorem domus divinae. *Introduzione allo studio dei cicli statuari giulio-claudii a Roma e in Occidente*, Roma.
- Clauss, M. (1979), *Kaiser und Gott: Herrscherkult im römischen Reich*, Berlin.
- Chamie, M. (2009), *Paulicéia dilacerada*, Ribeirão Preto.
- Chanotis, A. (2009), “The Dynamics of Rituals in the Roman Empire”, in O.

- Hekster, S. Schmidt-Hofner, Chr. Witschel (eds.), *Ritual Dynamics and Religious Change in the Roman Empire. Proceedings of the Eight Workshop of International Network Impact of Empire*, Leiden, Boston, 3-29
- Charles-Picard, G., Rougé, J. (1969), *Textes et documents relatifs à la vie économique et sociale dans l'Empire romain*, Paris.
- Chassaing, M. (1961), "Les barillets frontiniens", *RAE* 12: 7-33, 89-106.
- Chelotti, M. (2003), *Regio II, Apulia et Calabria, Venusia* (Supplementa Italica 20), Roma.
- Cherry, D. (1998), *Frontier and Society in Roman North Africa*, Oxford.
- Chevallier, R. (1972), *Les voies romaines*, Paris.
- Chevallier, R. (1988), *Voyages et déplacements dans l'Empire romain*, Paris.
- Chiarelli, G. (1932), "Il 'De regno' di Francesco Patrizi", *Rivista internazionale di filosofia del diritto*, Anno XII. (Nov-Dec.): 716-738.
- Cistercienses (Os). Documentos primitivos. Texto latino e tradução brasileira.* (1997) Introdução e bibliografia Irmão François de Place, Tradução de Irineu Guimarães, Musa, S. Paulo; Lúmen Christi, Rio de Janeiro 1997.
- Clauss, J., Cuypers, M. (eds.) (2010), *A Companion to Hellenistic Literature*, Chichester, West Sussex.
- Clavel-Lévêque, M. et alii (eds.) (1993), *Siculus Flaccus. Les conditions des terres*, Nápoles.
- Clavel-Lévêque, M. et alii (eds.) (1996), *Hygin l'arpenteur. L' établissement des limites*, Nápoles.
- Clayton, P.A. (1989), *Le sette Meraviglie del mondo*, Torino. (*The Seven Wonders of the Ancient World*, London, 1988).
- Cogitore, I. (1996), "Séries de dédicaces italiennes à la dynastie julio-claudienne", *MEFRA* 104 : 817-870.
- Colasso, F. (1951), "Umanesimo giuridico", in E. Castelli (ed.), *Umanesimo e Scienza politica (Atti dei Congresso Internazionale di Studi Umanistici, Roma-Firenze, 1949)*, Milano, 57-58.
- Colecchia, A., Bertolani, G. B., Marcante, A. et alii (2004), *L'Alto Garda occidentale dalla preistoria al postmedioevo. Archeologia, storia del popolamento e trasformazione del paesaggio* (Documenti di archeologia, 36), Mantova.
- Colonna, G. (1980), "Virgilio, Cortona e la leggenda etrusca di Dardano", *Archeologia Classica* 32: 1-15.
- Conger, G. P. (1952), "Did India influence Early Greek Philosophies?", *Philosophy East and West* 2.2: 102-128.
- Conti, S. (1997), "Dinastia giulio-claudia a Roselle: una serie di dediche imperiali in Etruria", *Ann. Fac. Lett. e Filos. Univ. Siena* 18: 101-127.

- Conti, S. (1998), *Rusellae, Suppl. It. n. s. 16*, Roma.
- Cook, J. M. (1971), *Os Gregos na Iónia e no Oriente*, Lisboa.
- Cooley, A. E. (ed.) (2002), *Becoming Roman, Writing Latin? Literacy and Epigraphy in the Roman West*. JRA Suppl. Ser. 48, Portsmouth.
- Cooley, A. E. (2002), “The survival of Oscan in Roman Pompeii”, in E. A. Cooley (ed.), *Becoming Roman, Writing Latin? : Literacy and Epigraphy in the Roman West*, JRA Suppl. Ser. 48: 77-86.
- Cordovana, O. D., Galli, M. (eds.) (2007), *Arte e memoria culturale nell'età della Seconda Sofistica*, Catania.
- Corell, J. (1989), “Notas sobre epigrafía romana del País Valenciano”, *APL* 19: 271-281.
- Costa, A. D. S. (1969), *Estudantes portugueses na reitoria do Colégio de S. Clemente de Bolonha na primeira metade do século XV*, Lisboa.
- Costa, A. D. S. (1990), *Portugueses no Colégio de S. Clemente e Universidade de Bolonha durante o século XV*, vol. I, Bolonia.
- Coulanges, F. de. (1971, 10<sup>a</sup> ed.), *A cidade antiga*, Trad. e glossário de Fernando de Aguiar, Livraria Clássica Editora, Lisboa.
- Crawford, M. H., Reynolds, J. M. (1979), “The Aezani copy of the Prices Edict”, *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 34: 163-210.
- Crystal, D. (2000), *Language death*, Cambridge.
- Curado, F. P. (1985), “Inscrição rupestre de Freixo de Numão”, *Ficheiro Epigráfico* 11: n°48.
- David, B., Thomas J. (eds.) (2008), *Handbook of landscape archaeology* (World archaeological congress research handbooks in archaeology, 1), Walnut Creek.
- Davie, J. N. (1982), “Theseus the king in fifth-century Athens”, *G&R* 29.1: 25-34.
- DCPH = M. P. García-Bellido y C. Blázquez (2001), *Diccionario de cecas y pueblos hispánicos*, Madrid.
- De Bernardo Stempel, P. (2008), “More names, fewer deities. Complex theonymic formulas and the three types of interpretation”, in *Divindades indígenas em análise. Divinités pré-romaines. Bilan et perspectives d'une recherche. Actas do VII workshop FERCAN, Cascais, 25-27.5.2006*, Coimbra, 65-73.
- De Hoz, J. (2001), “La lengua de los íberos y los documentos epigráficos en la comarca de Requena-Utiel”, in A. J. Lorrio (ed.), *Los íberos en la comarca de Requena-Utiel (Valencia)*, Madrid, 49-62.
- De Hoz, J. (2010), *Historia lingüística de la Península Ibérica en la Antigüedad. I. Preliminares y mundo meridional prerromano*, Madrid.

- De Hoz, M. P. (1997), “Epigrafia griega en Hispania”, *Epigraphica* 59: 29-93.
- De Labriolle, P. (1934), *La reaction païenne*, Paris.
- De Martino, D. (2010), “Spot, etica e letteratura”, *La nuova ricerca. Pubblicazione annuale del Dipartimento di Linguistica, Letteratura e Filologia moderna dell’Università degli studi di Bari*, anno XIX. 19, 117-128.
- De Martino, D. (2010<sup>bis</sup>), “Automobili da mito”, in F. De Martino (ed.), *Antichità & pubblicità*, Bari, 443-522.
- De Martino, D. (2011), *Io sono Giulietta. Letterature & miti nella pubblicità di auto*, Bari.
- De Martino, D. (2012), “Una forma de subversión del mito literario: de la novela a la publicidad”, in J. M. Losada Goya, M. Guirao Ochoa (eds.), *Myth and Subversion in the Contemporary Novel*, Cambridge, 421-436.
- De Martino, D. (2013), *Dante & la pubblicità*, Bari.
- De Martino, F., Vox, O. (1996) (eds.), *Lirica greca*, vol. 3, Bari.
- De Ruyt, Cl. (1983), *Macellum. Marché alimentaire des romains*, Louvain-la-Neuve.
- De Santerre, H. H. (1976), “Athènes, Délos et Delphes d’après une peinture de vase à figure rouges du V siècle avant J.-C.”, *BCH* 100: 291-298.
- De Vos, M., Andreoli, M., Attoui, R. et alii (2007), “Cilicia campestris orientale. L’economia rurale e la trasformazione del paesaggio intorno al Karasis”, in *Geografia e viaggi nell’antichità. Atti del convegno internazionale di studi (Certosa di Pontignano, 9-10 ottobre 2005)*, Siena, 13-39.
- Degl’Innocenti Pierini, R. (2012), “Le città personificate nella Roma repubblicana: fenomenologia di un motivo letterario tra retorica e poesia”, in G. Moretti, A. Bonandini (eds.), *Persona ficta. La personificazione allegorica nella cultura antica, fra letteratura, retorica e iconografia*, Trento, 215-247.
- Desbat, A. (1991), “Un bouchon de bois du Ier s. après J.-C. recueilli dans la Saône à Lyon et la question du tonneau à l’époque romaine”, *Gallia* 48: 319-336.
- Dias, P. B. (2011 2ª ed.), “Notas introdutórias”, in J. G. Freire, *A versão latina por Pascásio de Dume dos Apophtegmata Patrum*, Coimbra, 1-34.
- Dias, P. B. (2012), “Cristianismo e responsabilidade cristã na queda de Roma”, in F. Oliveira et alii (coords.), *A queda de Roma e o alvorecer da Europa*, Coimbra, 43-67.
- Dias P. B. (2013), “O legado de Constantino na identidade da Europa cristã: dois casos de estudo”, in M. C. Pimentel e P. Farmhouse Alberto (orgs.), *Vir bonus peritissimus aequae. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*, Lisboa, 455-463

- Díaz, B. (2008), *Epigrafía latina republicana de Hispania*, Barcelona.
- Dittenberger, W., Purgold, K. (1896), *Inscripfen von Olympia*, Berlin.
- Dixon, R. M. W. (1997), *The rise and fall of languages*, Cambridge.
- Domăneanțu, C. (1993), “Un sanctuaire hellénistique du site de Nuntași II (comm. d’Istria, dep. De Constanța)”, *Dacia* 37: 59-78.
- Dörfler, W., Evans, A., Löhr, H. (1998), “Trier, Walramsneustrasse. Untersuchungen zum römerzeitlichen Landschaftswandel im Hunsrück-Eifel-Raum an einem Beispiel aus der Trierer Talweite“, in *Studien zur Archäologie der Kelten, Römer und Germanen in Mittel- und Westeuropa. Alfred Haffner zum 60. Geburtstag gewidmet*, Rahden, 119-152.
- Dubuisson, M. (1981), “Utraque lingua”, *L’Antiquité Classique* 50: 274-286.
- Dubuisson, M. (1982), “Y a-t-il une politique linguistique romaine?”, *Ktéma* 7: 197-210.
- Duchesne, L. (1887), “Le concile d’Elvire et les flamines chrétiens”, *Mélanges Renier*, Paris, 159-174.
- Dunkle, J. R. (1969), “The Aegeus episode and the theme of Euripides’ *Medea*”, *TAPhA* 100: 97-107.
- Durán Fuentes, M. (2005), *La construcción de puentes romanos en Hispania*, Santiago de Compostela.
- Eck, W. (2006), “Herrschaft und Kommunikation in antiken Gesellschaften. Das Beispiel Rom”, in U. Peter, S. J. Seidlmayer (eds.), *Mediengesellschaft Antike? Information und Kommunikation vom Alten Ägypten bis Byzanz*, Berlin, 11-33.
- Eco, U. (2013), *Storia delle terre e dei luoghi leggendari*, Milano.
- Eddy, S.K. (1968), “Four Hundred Sixty Talents Once More”, *CP* 63: 184-95.
- Edmonson, J. (1997), “Two dedications to Divus Augustus and Diva Augusta from Augusta Emerita and the early development of the imperial cult in Lusitania”, *MM* 38: 89-105.
- Edmondson, J. (2002), “Writing latin in the province of Lusitania”, in A. E. Cooley (ed.), *Becoming Roman, Writing Latin? Literary and Epigraphy in the Roman West*, *JRA Suppl. Ser.* 48: 41-60.
- Ehrenberg, V. (1973, 2<sup>a</sup> ed.), *From Solon to Sócrates*, Londres.
- Ehrenberg, V. (1976), *L’État grec*, Paris.
- Ehrhardt, N. (1988), *Milet und seine Kolonien. Vergleichende Untersuchung der kultischen und politischen Einrichtungen*, ed. a II-a, Frankfurt, Main-Bern, New York, Paris.
- Elliger, W. (1975), *Die Darstellung der Landschaft in der griechischen Dichtung*, Berlin, New York.

- Elliott, Th. (1990), “The Language of Constantinian Propaganda”, *TAPhA* 120: 349-353.
- Encarnação, J. d' (1984), *Inscrições romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra.
- Erasmus, D. (1703), *Opera omnia (in decem tomos distincta)*, Recognovit Joannes Clericus, Leiden.
- Erodoto (1988), *Le Storie. Libro I. La Lidia e la Persia. A cura di David Astheri*, Milano.
- Erskine, A. (ed.) (2003), *A Companion to the Hellenistic World*, Oxford.
- Espérandieu, E. (1907-1981), *Recueil général des bas-reliefs, statues et bustes de la Gaule romaine*, Paris.
- Estarán, M. J. (2012), “Las estampillas ibérico-latinas K.5.4”, *Palaeohispanica* 12: 73-90
- ET = Rix, H. (1991), *Etruskische Texte*, Tübingen.
- Étienne, R. (1958), *Le culte impérial dans la Péninsule ibérique d'Auguste à Diocletien*, Paris.
- Étienne, R. (1973), “Les syncrétismes dans la Péninsule Ibérique à l'époque impériale”, in *Les syncrétismes dans les religions grecque et romaine*, Paris, 153-163.
- Étienne, R., Fabre, G.; Lévêque, P. et M. (1976), *Fouilles de Conimbriga*, vol. II, *Épigraphie et Sculpture*, Paris.
- Étienne, R., Fabre, G., Le Roux, P., Tranoy, A. (1976), “Les dimensions sociales de la romanisation dans la Péninsule Ibérique des origines à la fin de l'Empire”, in D. M. Pippidi (ed.), *Assimilation et résistance à la culture gréco-romaine dans le monde ancien. Travaux du VI<sup>e</sup> Congrès International d'Études Classiques*, București, Paris, 95-107.
- Étienne, R., Mayet, F. (2000), *Le vin hispanique*, Paris.
- Evans, J. A. S. (1981), “Notes on the debate of the Persian Grandees in Herodotus 3, 80-82”, *QUCC* 36: 79-84.
- Evers, C. (1994), *Les portraits d'Hadrien. Typologie et ateliers*, Bruxelles.
- Ewald, C., Norena, C. F. (eds.) (2010), *The Emperor and Rome: Space, Representation, Ritual*, Cambridge.
- Fabre, G., Mayer, M., Rodà, I. (1991), *Inscriptions romaines de Catalogne*, III, Paris.
- Fayer, C. (1976), *Il culto della dea Roma. Origine e diffusione nell'Impero*, Pescara.
- Fearn, D. (2007), *Bacchylides. Politics, performance, poetic tradition*, Oxford.
- Fernandes, L., Carvalho, P., Figueira, N. (2009), “Divindades indígenas numa ara inédita de Viseu”, *Palaeohispanica* 9: 143-155.
- Fernández Gallardo, L. (2002), *Alonso de Cartagena. Una biografía política en la Castilla del siglo XV*, Valladolid.



- Fernández Gallardo, L. (2008), “Alonso de Cartagena y el Humanismo”, *La Corónica* 37.1: 175- 215.
- Ferraz, C. (2002), “Conjunto de oito aras provenientes do *Lararium* de Centum Celas”, in V. L. Raposo, J. R. Ferreira (Coords.), *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*, Lisboa, 467-469.
- Ferreira, J. R. (1988), “Grécia e Roma na Revolução Francesa”, *Revista de História das Ideias* 10: 203-234.
- Ferreira, J. R. (1990), *A democracia na Grécia Antiga*, Coimbra.
- Ferreira, J. R. (1990a), *Participação e poder na democracia grega*, Coimbra.
- Ferreira, J. R. (1993), *Hélade e Helenos I – Génese e Evolução de um Conceito*, Coimbra.
- Ferreira, J. R. (2004 2ª ed.), *A Grécia Antiga. Sociedade e Política*, Lisboa.
- Ferreira, J. R., (1991), “Presença da Grécia e de Roma na Revolução Francesa”, in *Actas do colóquio A Recepção da Revolução Francesa em Portugal e no Brasil*, Porto, vol. I, 75-96.
- Ferri, S. (1976), “Luci e ombre sulla interpretatio romana”, in *Convegno internazionale “Renania romana” Roma 14-16 aprile 1975*, Roma, 125-133.
- Ferrill, A. (1978), “Herodotus on tyranny”, *Historia* 27.3: 385-398.
- Figueira, T. J. (1998), *The Power of Money: Coinage and Politics in the Athenian Empire*, Philadelphia.
- Figueira, T. J. (2003), “Economic Integration and Monetary Consolidation in the Athenian Arkhê”, in G. Urso (ed.), *Moneta, Mercanti, Banchieri. I precedenti greci e romani dell’Euro*, Pisa, 71-92.
- Figueira, T. J. (2005), “The Imperial Commercial Tax and the Finances of the Athenian Hegemony”, *Incidenza dell’antico* 3: 83-133.
- Figueira, T. J. (2006), “Reconsidering the Athenian Coinage Decree”, *AIIN* 52: 9-44.
- Figueira, T. J. (2011), “The Athenian Naukraroi and Archaic Naval Warfare”, *Cadmo. Revista de História Antiga* 21: 183-210.
- Figueira, T. J. (forthcoming[a]), “Archaic Naval Warfare”, in N. Birgalias (ed.), *Great is the Power of the Sea: The Power of Sea and Sea Powers in the Greek world of the Archaic and Classical Periods*, Athens.
- Figueira, T. J. (forthcoming[b]), “The Aristeidian Tribute on the Peace of Nikias”, in S. Jensen, T. Figueira (eds.), *Athenian Hegemonic Finances*, Swansea.
- Figueira, T. J. (forthcoming[c]), “Community Wealth and Military Might in Periclean Athens”, in A.L. Pierris (ed.), *Mind, Might, Money: The Secular Triad in Classical Athens*, Patras.

- Figueira, T. J. (forthcoming[d]), "Aigina: Island as Paradigm", in A. Powell and K. Meidani (eds.), *The Eyesore of Aigina: Anti-Athenian Attitudes in Greek, Hellenistic and Roman History*, Swansea.
- Figueiredo, R., Lamounier, B. (1996), *As cidades que dão certo*, Brasília.
- Finley, M.I. (1966), *The Ancient Greeks. An introduction to their life and thought*, Londres. Trad. port.: *Os Gregos Antigos* (Lisboa, 2ª ed. 1988).
- Finley, M. I. (1973, 2ª ed.), *Democracy, ancient and modern*, London.
- Finley, M.I. (1973a), *The ancient economy*, London.
- Finley, M.I. (1982), *Authority and legitimacy in the classical city-state*, Kobenhavn.
- Fishwick, D. (1970), "Flamen Augustorum", *HSCP* 74: 299-312.
- Fishwick, D. (1982), "The altar of Augustus and the municipal cult of Tarraco", *MM* 23: 222-233
- Fishwick, D. (2002), *The Imperial Cult in the Latin West, 3/2, Provincial Cult / The Provincial Priesthood*, Leiden.
- Fishwick, D. (2005), *The Imperial Cult in the Latin West. Studies in the Ruler Cult of the Western Provinces of the Roman Empire*, Leiden, Boston.
- Fitton, J. W. (1961), "The Suppliant Women and the *Herakleidae* of Euripides", *Hermes* 89.4: 430-461.
- Flower, M. F. (2007), "Appendix R: The Size of Xerxes Expeditionary Force," in Robert B. Strassler (ed.), *The Landmark Herodotus: The Histories*, New York, 819-23.
- Fonseca, L. A. (1982), *O Condestável D. Pedro de Portugal*, Porto.
- Fontanella, F. (2008), "The Encomium on Rome as a response to Polybius' doubts about the Roman Empire", *Columbia Studies in the Classical Tradition* 33: 203-216.
- Forni, G. (1973), "El culto de Augusto en el compromiso oficial y en el sentimiento oriental", *BSAA* 39: 105-113.
- Forni, G. (1994), *Scritti vari di Storia, Epigraphia e antichità romane*, Roma.
- Franck, A. D. (1864), *Réformateurs et publicistes de l'Europe: Moyen Âge-Renaissance*, Paris.
- French, A. (1972), "The Tribute of the Allies", *Historia* 21: 3-20.
- Fuentes, M. J. (1986), *Corpus de las inscripciones fenicias, púnicas y neopúnicas de Hispania*, Barcelona.
- Gabba, S., Drioton, É. (1954), *Peintures à fresques et scènes peintes a Ermoupolis - Ourvest (Touna el-Gevel)*, Le Caire.
- Gaffiot, F. (s/d), *Dictionnaire latin-français*, Paris.
- Gagé, J. (1936), "Le *templum Urbis* et les origines de l'idée de *Renovatio*", in *Mélanges Franz Cumont*, Bruxelles, 151-187.

- Gagé, J. (1955), *Apollon romain. Éssai sur le culte d'Apollon et le développement du "ritus Graecus" à Rome des originrs à Auguste*, Paris.
- Gagé, J. (1968), "*Basiléia*". *Les Césars, les rois d'Orient et les "mages"*, Paris.
- Gagé, J. (1974), "Le *solemne Urbis* du 21 avril au III<sup>e</sup> siècle ap. J.-C.: Rites positives et speculations séculaires", *Mélanges d'histoire de religions offerts à Henri-Charles Puech*, Paris, 225-241.
- García Bellido, M. P. (1993), "Sobre el culto de Volcanus y Sucellus en Hispania. Testimonios numismáticos", in F. Burkhalter, J. Arce (eds.), *Bronces y religión romana. Actas del XI Congreso internacional de bronce antiguos, Madrid mayo - junio 1990*, Madrid, 161-170.
- García Iglésias, L. (1976), "Autenticidad de la inscripción de municipios que sufragaron el puente de Alcántara", *Revista de Estudios Extremeños* 32.2: 263-276.
- García Jurado, F. (2007), *Aulo Gelio, Noches Áticas. Antología*, Madrid.
- García Romero, F. (2002), "Pervivencia de Penélope", in C. Morenilla Talens, F. De Martino (eds.), *El perfil de les ombres*, Bari, 187-204.
- García Soler, M. J. (2010), "Gastronomia e pubblicità nella Grecia antica", in F. De Martino (ed.), *Antichità & pubblicità*, Bari, 345-366.
- Garin, E. (1955), "Ricerche sulle traduzioni di Platone nella prima metà del XV secolo", *Medioevo e Rinascimento, Studi in onore di B. Nardi*, Firenze.
- Garin, E. (1966), *Storia della filosofia italiana*, Torino.
- Garriguet, J. A. (2004), "Grupos estatuarios imperiales de la Bética: la evidencia escultórica y epigráfica", in *Actas de la IV reunión sobre escultura romana en Hispania*, Madrid, 67-101.
- Gasperini, L. (1977), "L'Augusteo di Firmo Piceno in un'epigrafe da rileggere", *AFML* 10: 57-87.
- Gasperini, L. (2008), "L'Augusteo di Forum Clodii", en L. Gasperini, G. Paci, (eds.), *Nuove ricerche sul culto imperiale in Italia*, Tivoli, 91-134.
- Gasperini, L., Paci, G. (eds.) (2008), *Nuove ricerche sul culto imperiale in Italia*, Tivoli.
- Gaudemet J. (1947), "La législation religieuse de Constantin", *Révue d' Histoire de l'Église de France* 122: 25-61.
- Genette, G. (1997), *Palinsesti. La letteratura di secondo grado*, Torino.
- Gentili, B. (ed.) (1995), *Pindaro. Le pitiche*, Milano.
- Ghedini, F. (2000), "Filostrato Maggiore come fonte per la conoscenza della pittura antica", *Ostraka* 9.1: 75-197.
- Giachero, M. (ed.) (1974), *Edictum Diocletiani et Collegarum de pretiis rerum venalium in integrum restitutum e latinis graecisque fragmentis*, 1-2, Génova.

- Gico, V. (1998), “Luís da Câmara Cascudo: perfil bibliográfico”, in L. C. Cascudo, *Ontem. (Magações e notas de um professor de província)*, Natal.
- Gigli, D. (1985), *Metafora e poetica in Nonno di Panopoli*, Firenze.
- Gilles, K. J. (1987), “Römische Glasgefäße”, in AA.VV., *2000 Jahre Weinkultur an Mosel-Saar-Ruwer. Denkmäler und Zeugnisse zur Geschichte von Weinbau, Weinhandel, Weingenuß*, Trier, 143-145.
- Gilles, K. J. (1987b), “Trierer Weinkeramik”, in AA.VV., *2000 Jahre Weinkultur an Mosel-Saar-Ruwer. Denkmäler und Zeugnisse zur Geschichte von Weinbau, Weinhandel, Weingenuß*, Trier, 132-133.
- Gilles, K. J., König, M., Schumann, F. (1995), *Neuere Forschungen zum römischen Weinbau an Mosel und Rhein* (Schriftenreihe des Rheinischen Landesmuseums Trier, 11), Trier.
- Gilson, É. (1983, 6ª ed.), *Le thomisme*, Paris.
- Gómara, M. (2007), “Una inscripción paleohispánica sobre cerámica altoimperial en Cascante (Navarra)”, *Palaeohispanica* 7: 263-268.
- Gomes, S.A. (1998), *Visitações a mosteiros cistercienses em Portugal. Séculos XV e XVI*, Ministério da Cultura – IPPAR, Lisboa.
- Gomes, S. A. (2000), “Revisitação a um velho tema: a fundação do Mosteiro de Alcobaça”, in *Cister: Espaços Território e Paisagens. Colóquio Internacional, 16-20 Junho de 1998, Mosteiro de Alcobaça. Actas. I*, Lisboa, 27-72.
- Gomes, S. A. (2000), *O mosteiro de Alcobaça na transição dos séculos XIV e XV: o protagonismo de D. João Dornelas*, in *Cister. Espaços, Territórios, Paisagens. Colóquio Internacional. 16-20 Junho 1998. Mosteiro de Alcobaça*, Lisboa, 73-88.
- Gomes, S. A. (2006), D. Afonso V, *Círculo de Leitores-Colecção Reis de Portugal*, Lisboa.
- Gómez García, C. (2010), “La configuración de la ciudad de Berlin”, in J. M. Losada Goya (ed.), *Mito y mundo contemporáneo. La recepción de los mitos antiguos, medievales y modernos en la literatura contemporánea*, Bari , 617-626.
- González Rolán, T., P. Saquero Suárez-Somonte, P. (2001), “El Humanismo italiano en la Castilla del cuatrocientos: estudio y edición de la versión castellana y del original latino del *De infelicitate principum* de Poggio Bracciolini”, *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Latinos* 21: 115-150.
- González Rolán, T., Moreno Hernández, A., Saquero Suárez-Somonte, P. (2000), *Humanismo y teoría de la traducción en España e Italia en la primera mitad del siglo XV. Edición y estudio de la Controversia Alphonsiana (Alfonso de Cartagena vs. L. Bruni y P. Candido Decembrio)*, Madrid.
- Gorrochategui, J. (1987), “Situación lingüística de Navarra y alrededores en la antigüedad a partir de las fuentes epigráficas”, *Primer Congreso General de Historia de Navarra II*, Pamplona, 435-445.

- Gorrochategui, J. (2014), “Nueva inscripción funeraria celtibérica procedente de Clunia”, *Palaeohispanica* 14: 229-236.
- Gorrochategui, J. y Vallejo, J. M. (2010), “Lengua y onomástica. Las inscripciones lusitanas”, *Iberografías* 6: 71-80.
- Gose, E. (1976), *Gefäßtypen der römischen Keramik im Rheinland*, Köln.
- Graham, A. J. (1964), *Colony and Mother City*, Manchester.
- Grenier, A. (1934), *Manuel d'archéologie gallo-romaine* 2, *Les routes*, Paris.
- Gros, P., Marin, M., Zink, M. (eds.) (2015), *Auguste, son époque et l'Augusteum de Narona. Actes du colloque organisé à l'Académie des Inscriptions et Belles-lettres /e 12 décembre 2014*, Paris.
- Gualandi, M. L. (2001), *Le fonti per la storia dell'arte - I. L'antichità classica*, Roma.
- Guarducci, M. (1974), *Epigrafia greca*, vol. III, Roma.
- Guarducci, M. (1978), *Epigrafia greca*, vol. IV, Roma.
- Guerra, A., Schatner, T. (2010), “El foro y el templo de Lancia Oppidana: nueva interpretación de Centum Celas (Belmonte)”, in T. Mogale Basarrate (ed.) *Ciudad y Foro en Lusitania Romana*, Mérida, 333-342.
- Guilaine, J. (cur.) (1991), *Pour une archéologie agraire: à la croisée des sciences de l'homme et de la nature*, Paris.
- Guilmartin, J. F. (2002), *Galleons and Galleys*, London.
- Guilmartin, J. F. (2003), *Gunpowder and Galleys. Changing Technology and Mediterranean Warfare at Sea in the Sixteenth Century*, 2nd ed., Annapolis.
- Hall, J. M. (1997), *Ethnic identity in Greek Antiquity*, Cambridge.
- Hanell, K. (1934), *Megarische Studien*, Lund.
- Hänlein-Schäfer, H. (1985), *Veneratio Augusti. Eine Studie zu den Tempeln der ersten römischen Kaisers*, München.
- Hanley, R. (2000), *Villages in Roman Britain*, Princes Risborough.
- Hansen, H. M. (1991), *The Athenian Democracy in the age of Demosthenes. Structure, Principles and Ideology*, Oxford.
- Hardy, E. G. (1925), “The Lex Mamilia Roscia Peducaea Alliena Fabia”, *The CQ* 19 (3/4): 185-191.
- Harris, E. (1995), *Aeschines and Athenian Politics*, Oxford.
- Harth, H. (1984), *Poggio Bracciolini, Lettere*, Leo S. Olschki Editore, Florencia.
- Hekster, O., Schmidt-Hofner, S., Witschel, Chr. (eds.) (2009), *Ritual dynamics and Religious Change in the Roman Empire. Proceedings of the Eighth Workshop of the International Network Impact of Empire*, Leiden, Boston.
- Helck, W. (1971), *Das Bier im alten Ägypten*, Berlin.

- Hershowitz, A., (forthcoming), "Patterns in Variation in Tribute Assessment", in S. Jensen, T. Figueira (eds.), *Athenian Hegemonic Finances*, Classical Press of Wales, Swansea.
- Herta, P. (1978), "Bibliographie zum römischer Kaiserkult (1955-1975)", *ANRW* II 18: 833-910.
- Heubeck, A. (ed.) (1983), *Omero. Odissea*, Volume III (Libri IX-XII), Milano.
- Heurgon, J. (1950-1951), "La syntaxe des routiers romains", *Bulletin de la Société des Antiquaires de France*: 145-154.
- Heurgon, M. (1969), "Inscriptions étrusques de Tunisie", *CRAI*, 526-551.
- Heurgon, M. (1969a), "Les Dardaniens en Afrique", *REL* 47: 284-294.
- Higbie, C. (2007), "Hellenistic Mythographers", in R. Woodart (ed.), *The Cambridge Companion to Greek Mythology*, Cambridge, 237-54.
- Hignett, C. (1963), *Xerxes' Invasion of Greece*, Oxford.
- Hoffmann, C. (1991), *An introduction to bilingualism*, London, New York.
- Hoffmann, M. (1956), *5000 Jahre Bier*, Berlin.
- Holban, M., Bulgaru, M. M. A., Cernovodeanu, P. (eds.) (1980-83), *Calatori straini despre tarile române (Foreign Travellers about the Romanian Countries)*, Bucuresti, vol. VII: 1980; vol. VIII: 1983.
- Homo, L. (1972), *Rome impériale et l'urbanisme dans l'antiquité*, Paris.
- Hopkinson, N. (1984), "Callimachus' Hymn to Zeus", *CQ* 34: 139-148.
- Hornblower, S. (2008), *A Commentary on Thucydides. Volume I: Books I-III*, Oxford - New York.
- Houaiss, A. (2001), *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Rio de Janeiro.
- Howgego, Chr, Heuchert, V. Burnett, A. (eds.) (2004), *Coinage and identity in the Roman provinces*, Oxford.
- Howgego, Chr. (2004), "Coinage and identity in the Roman provinces", in Chr. Howgego, A. Heuchert y Burnett (eds.), *Coinage and identity in the Roman provinces*, Oxford, 1-18.
- Huizinga, J. (1948), *Le déclin du Moyen Âge*, Paris.
- Hunter, R., Fuhrer, T. (2002), "Imaginary Gods? Poetic Theology in the *Hymns* of Callimachus", in F. Montanari, L. Lehnus (eds.), *Callimaque. Sept Exposés suivis de discussions*, Vandoeuvres-Gender, 143-175.
- Hurlet, F. (1996), *Les collègues du prince au temps d'Auguste et de Tibère: de la légalité républicaine à la légitimité dynastique*, Roma.
- Hutchinson, G. O. (1988), *Hellenistic Poetry*, Oxford.
- HCT* = Gomme, A. J., (1970), *A Historical Commentary on Thucydides*. vs. 1-2, Oxford.

- Icks, M. (2001), "Priesthood and Imperial Power. The Religious Reforms of Heliogabalus 220-222", in L. de Blois (ed.), *Administration, Prosopography and Appointment Policies in the Roman Empire. Proceedings of the First Workshop of the International Network Impact of Empire (Roman Empire, 27 B.C. - A.D. 406)*, Amsterdam, 169-178.
- IRT = Reynolds, J. M., Ward-Perkins, J. B. (1952), *Inscriptions of Roman Tripolitania*, Rome.
- Jackson, K. (1953), *Language and history in Early Britain*, Edinburgh.
- Jacoby, F. (1923), *Die Fragmente der griechischen Historiker*, Part I-III, Berlin.
- Jaeger, W. (s.d), *Paideia*, Trad. de Artur M. Parreira, São Paulo.
- Janko R. (1982), *Homer, Hesiod and the Hymns*, Cambridge.
- Jiménez, A. J. (1995), "La imagen de Teseo en las *Suplicantes*", in J. A. López Férrez (ed.), *De Homero a Libanio*, Madrid, 145-161.
- Johnson, L. (1960), "Natalis urbis and principium anni", *TPAPhA* 91: 109-120
- Julia, D. (1962), "Les monuments funéraires en forme de demi-cylindre dans la province romaine de Tarragonaise", *MCVI* : 29-54.
- Jullian, C. (1926), "Notes gallo-romaines", *Révue des Études Anciennes* 28. 2: 139-151.
- Little, K. (2002), "Monasticism and Western Society: from marginality to the establishment and back", *Memoirs of the American Academy in Rome* 47: 83-94.
- Kaimio, J. (1979), *The Romans and the Greek Language*, Helsinki.
- Kalinowski, A. (2007), "A series of honorific statue bases for the Vedii in the market agora at Ephesos (*IvE* 725, 731, 3076-3078)", in M. Mayer, G. Baratta, A. Guzmán, (eds.), *Acta XII Congressus internationalis epigraphiae Graecae et Latinae. Provinciae imperii Romani inscriptionibus descriptae*, vol I, Barcelona, 757-762.
- Kantiréa, M. (2007), *Les dieux et les dieux augustes. Le culte impérial en Grèce sous le Julio-claudiens et les Flaviens, Études épigraphiques et archéologiques*, Athènes.
- Katz, S. H., Fleming, S. J., McGovern, P. E. (1996), *The origins and ancient history of wine. Food and nutrition in history and anthropology* 11, Amsterdam.
- Kelso W.M. (ed.) (1990), *Earth patterns. Essays in landscape archaeology*, Charlottesville.
- Kerkhecker, A. (1999), *Callimachus' Book of "Iambi"*, Oxford.
- Khanoussi, M. (1983), "Nouvelles sépultures d'époque romaine", in Beschaouch A. et alii (eds.), *Recherches archéologiques franco-tunisiennes à Bulla-Regia, I* (CEFR 28/I), Roma, 93-106.
- Kiss, Z. (1975), *L'iconographie des princes julio-claudiens au temps d'Auguste et de Tibère*, Varsovie.

- Kleiner, F. S. (1991), "The trophy on the bridge and the Roman triumph over nature", *L'Antiquité Classique* 60: 182-192.
- Koch, J. (2009), *Tartessian. Celtic in the South-west at the dawn of history*, Aberystwyth.
- Koch, J. (2009a), "A case for Tartessian as a Celtic language", *Palaeohispanica* 9: 339-351.
- Kolb, A. (2001), "Transport and communication in Roman state: the *cursus publicus*", in C. Adams and R. Laurence (eds.), *Travel and Geography in the Roman Empire*, Londres - Nova Iorque, 95-105.
- Kolb, A. (ed.) (2010), *Augustae. Machtbewusste Frauen am römischen Kaiserhof? Herrschaftsstrukturen und Herrschaftspraxis*, Berlin.
- Kozakai, T. (2000), *L'étranger, l'identité. Essai sur l'intégration culturelle*, Paris.
- Kramer, N., Reitz, Chr. (eds.) (2010), *Tradition und Erneuerung. Mediale Strategien in der Zeit der Flavier*, Berlin, New York.
- Kristeller, P. O. (1961, 3<sup>a</sup> ed.), "The moral thought of Renaissance humanism", in *Chapters in Western civilization*, I, New York, 289-335.
- Krynén, J. (1981), *Idéal du prince et pouvoir royal en France à la fin du Moyen Âge (1380-1440). Étude de la littérature politique du temps*, Paris.
- Kuhoff, W. (2001), *Diokletian und die Epoche der Tetrarchie*, Frankfurt.
- Künzl, S. (1997), *Die Trierer Spruchbecherkeramik. Dekorierter Schwarzfirniskeramik des 3. und 4. Jahrhunderts* (Beihefte Trierer Zeitschrift 21), Trier.
- Lambert, P. Y. (1994), *La langue gauloise*, Clamecy.
- Lambrino, S. (1937), "La famille d'Apollon à Histria", *Aephem* 100: 352-362.
- Lambrino, S. (1952), "Les inscriptions de São Miguel de Odrinhas", *Bulletin des Études Portugaises* 16: 134-176.
- Lasserre, F. (1976), "Hérodote et Protagoras: le débat sur les constitutions", *MH* 33: 65-84.
- Lateiner, D. (1984), "Herodotean historiographical patterning: the constitutional debate", *Q&S* 20: 257-284.
- Laurence, R. (2001), "Afterword: travel and empire", in C. Adams and R. Laurence (eds.), *Travel and Geography in the Roman Empire*, Londres / Nova Iorque, 167-176.
- Lausberg, H. (1990, 3<sup>a</sup> ed.), *Handbuch der literarischen Rhetorik. Eine Grundlegung der Literaturwissenschaft*, Stuttgart.
- Lawrance, J. N. H. (1990), "Humanism in the Iberian Peninsula", in A. Goodman, A. Mackay (eds.), *The Impact of Humanism on Western Europe*, Londres, 220-258.
- Lazenby, J. F. (1993), *The Defence of Greece, 490-479 B.C.*, Warminster.



- Leão, D. F. (2012), *A Globalização no Mundo Antigo. Do Polites ao Kosmopolites*, Coimbra.
- Lehmann, K. (1962), "Ignorance and search in the villa of the Mysteries", *JRS* 52: 62-68.
- Leite de Vasconcelos, J. (1913), *Religiões de Lusitania*, III, Lisboa 1989.
- Leite, S. (ed.) (1963), *Estatutos da Universidade de Coimbra (1559)*, Coimbra.
- Lekai, L. J. (1987), *Los Cistercienses. Ideales y realidad*, Barcelona.
- Lemny, S. (2010), *Cantemirestii. Aventura europeana a unei familii princiere din secolul al XVIII-lea (Les Cantemir: l'aventure européenne d'une famille princière au XVIIIe siècle, 2006)*, Iasi, Polirom.
- Lesky, A. (1995), *História da Literatura Grega*, Lisboa.
- Leveau, Ph. (1992), "Le territoire agricole d'Arles dans l'antiquité. Relecture de l'histoire économique d'une cité antique à la lumière d'une histoire du milieu", in M. Bernardi (cur.), *Archeologia del Paesaggio*, Firenze, vol. II, 597-636.
- Levy, A. M. (2010), *Sex Acts in Early Modern Italy: Practice, Performance, Perversion, Punishment*, Farnham.
- Lewis, D. M., Boardman, J., Hornblower, S., Ostwald, M (eds.) (1994), *The Cambridge Ancient History, Volume 6: The Fourth Century BC*, Cambridge.
- Lewis, D. M. (1994), "The Athenian Tribute Quota Lists, 453-450 BC", *BSA* 89: 285-301.
- Lima, D. C. (1998, 3ª ed.), *Câmara Cascudo: um brasileiro feliz*. Rio de Janeiro.
- Lintott, A. (1992), *Judicial reform and land reform in the Roman Republic*, Cambridge.
- Little K. (2002), "Monasticism and Western Society: from marginality to the establishment and back", *Memoirs of the American Academy in Rome* 47: 83-94.
- Littman, R. J. (1974), *The Greek experiment, Imperialism and social conflict 800-400 B. C.*, Londres.
- Liverani, P. (1994), "Il ciclo di ritratti del edificio absidato a Roselle", in *Roselle: iconografia imperiale e glorificazione Familiare, MDAL, RA* 101: 161-163.
- Loeschcke, S. (1932), "Römische Denkmäler vom Weinbau an Mosel, Saar und Ruwer", *TfZ* 7: 42-60.
- Loeschcke, S. (1933), *Denkmäler vom Weinbau aus der Zeit der Römerherrschaft an Mosel, Saar und Ruwer*, Trier.
- López Moreda, S. (2009), *Aulo Gelio, Noches Áticas*, Madrid.
- López Vilar, J. (1999-2000), "Consideracions sobre les *cupae* i altres estructures funeràries afins", *Bullettí Arqueològic* V. 21-22: 65-103.

- Lorenzo Gómez, F. (2010), *Un dios entre los hombres. La adoración a los emperadores romanos en Grecia*, Barcelona.
- Losada Goya, J. M. (ed.) (2010), *Mito y Mundo contemporáneo. La recepción de los mitos antiguos, medievales y modernos en la literatura contemporánea*, Bari.
- Lucet, B. (1977), *Les codifications cisterciennes de 1237 et de 1257*, Paris.
- Macan, R.W. (1908), *Herodotus, The Seventh, Eighth, & Ninth Books*, London.
- Machado de Assis, J. M. (1971), “Esaú e Jacó”, in Machado de Assis, *Obra Completa*, Rio de Janeiro, José Aguilar Editora.
- Maehler, H. (1982), *Die Lieder des Bakchylides I* (2 vols.), Leiden.
- Magioncalda, A. (1991), *Lo sviluppo della titolatura imperiale da Augusto a Giustiniano attraverso le testimonianze epigrafiche*, Torino.
- Magueijo, C. (1970), “A Lex Metallis Dicta”, *O Arqueólogo Português* série 3, 4: 125-163.
- Maltese, V. E.-Cortassa, G. (eds.) (2000), *Roma parte del cielo. Confronto tra l'Antica e la Nuova Roma di Manuele Crisolora*, Torino.
- Mamede, Z. (1970), *Luis da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual 1918/1968*, Natal.
- Manconi, D., Catalli, F. (eds.) (2005), *Le immagini del potere. Il potere delle immagini. L'uso del ritratto ufficiale nel mondo romano da Cesare ai Severi*, Perugia.
- Mann, C. (2001), *Athlet und Polis im archaischen und frühklassischen Griechenland*, Göttingen.
- Mantas, V. G. (2008-2009), “A rede viária romana em Portugal. Estado da questão e perspectivas futuras”, *Anas* 21-22: 245-272.
- Mantas, V. G. (2011), “Linhas fortificadas e vida quotidiana: da Muralha da China à Muralha do Atlântico”, in C. Guardado da Silva (coord.), *A Vida quotidiana nas Linhas de Torres Vedras*, Torres Vedras, 15-56.
- Mantas, V. G. (2012), *As vias romanas da Lusitânia*, Mérida.
- Maquiavel, N. (2010, 8ª ed), *O príncipe*, Trad. de Pietro Nassetti, Martin Claret, São Paulo.
- Maquiavel, N. (1980), *Le Prince de Maquiavel*, Traduction et commentaire de C. Roux-Lehman, Paris.
- Maravall, J. A. (1972), *Estado moderno y mentalidad social (siglos XV a XVII)*, 2 vols., Madrid.
- Marco, F. (1993), “Nemedus Augustus”, in I. J. Adiego, J. Siles, J. Velaza, (eds.), *Studia Palaeohispanica et Indogermanica J. Untermann ab amicis Hispanicis oblata*, Barcelona, 163-178.

- Marco, F. (1996), "Integración, interpretatio y resistencia religiosa en el occidente del imperio", in J. M. Blásquez, J. Alvard (ed.) *La romanización en Occidente*, Madrid, 217-238.
- Marcos Casquero, M. A., Domínguez García, A. (2006), *Aulo Gelio, Noches Áticas*, vol. I, Universidad de León.
- Marcy, G. (1936), *Les inscriptions libyques bilingues de l'Afrique du nord*, Paris.
- Moreno Gallo, I. (2006), *Vías romanas: ingeniería y técnica constructiva*. Madrid.
- Marlière, É. (2001), *Le tonneau en Gaule Romaine*, *Gallia* 58: 181-201.
- Marlière, É. (2002), *L'outre et le tonneau dans l'Occident romain*, Montagnac.
- Marques, M. A. F. (1998), "A introdução da Ordem de Cister em Portugal", in *Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal*, Lisboa.
- Marrou, H.-I. (1963), "L'Église dans la première moitié du quatrième siècle", in *L'Église de l'Antiquité tardive 303-604*, Paris, 26-35.
- Marrou, H.-I. (1965, 6ª ed.), *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité*, Paris.
- Marshall, P. K (1983), "Aulus Gellius", in L.D. Reynolds (ed.), *Texts and Transmission. A Survey of the Latin Classics*, Oxford.
- Martínez, A. (1993), "Dos esgrafiados ibéricos sobre una estela romana de Requena (Valencia)", *Saguntum* 26: 247-251.
- Martínez-Pinna, J. (2002), "Los arcadios", in *La prehistoria mítica de Roma, Gerión. Anejos* 6: 135-167.
- Martini, W. (1990), *Die archaischen Plastik der Griechen*, Darmstadt.
- Mastino, A. (1981), *Le titolature di Caracalla e Geta attraverso le iscrizioni (indici)*, Bolonia.
- Mattoso, A., (1935 2ª ed.), *Compêndio de história antiga*, Sá da Costa, Lisboa.
- Maurice, F. (1930), "The Size of the Army of Xerxes in the Invasion of Greece 480 B.C.", *JHS* 50: 210-35.
- Mayer, M. (1980), "La plasmación lingüística de la pervivencia de los cultos prerromanos en Hispania a través de los formularios epigráficos", *Revista Española de Lingüística* 10: 230-231.
- Mayer, M. (1993), "El paganismo cívico de los siglos II y III en la Hispania citerior. Su reflejo en la epigrafía", in *Ciudad y comunidad cívica en Hispania. Siglos II y III d. C. Cité et communauté civique en Hispania*, Madrid, 161-175.
- Mayer, M. (1995), "El primer horizonte epigráfico en el litoral noreste de la Hispania citerior", in F. Beltrán (ed.), *Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en Occidente*, Zaragoza, 97-119.
- Mayer, M. (1998), "¿Qué es un *Augusteum*?", *Historia Antiqua* 4: 63-70.
- Mayer, M. (1999), "Aproximación a la religión cívica en Hispania bajo los

- flavios”, *Ktema* 24: 341-345.
- Mayer, M. (2004), “El *Augusteum* de Narona (Vid, Metković, Croacia) en época de los Severos”, in *Orbis Antiquus. Studia in honorem Ioannis Pisonis*, Cluj-Napoca, 283-289.
- Mayer, M. (2005), “Constantino el Grande: deconstrucción y construcción de un Imperio”, in F. de Oliveira (coord.), *Génesis e Consolidação da Ideia de Europa*, vol. III, *O Mundo Romano*, Coimbra, 203-230.
- Mayer, M. (2007a), “La presenza imperiale nelle città del *Picenum* tra l’epoca augustea e il regno dei Severi : un primo approccio”, *Studi Maceratesi* 41: 27-40.
- Mayer, M. (2007b), “Las dedicatorias a miembros de la *domus* Augusta julio-claudia y su soporte: una primera aproximación”, in G. Paci (ed.), *Contributi all’epigrafia del’età augustea. Actes de la XIII<sup>e</sup> Rencontre franco-italienne sur l’*épigraphie* du monde romain*, Tivoli, 171-199
- Mayer, M. (2008), “Sila y el uso político de la epigrafía”, in M. Caldelli, G. L. Gregori, S. Orlandi (eds.), *Epigrafia 2006. Atti della XIV<sup>e</sup> rencontre sur l’*épigraphie* in onore di Silvio Panciera con altri contributi di colleghi, allievi e collaboratori*, Roma, 121-135.
- Mayer, M. (2009), “Los honores recibidos por la familia de Marco Aurelio en la parte oriental del imperio romano: ¿cambio o continuidad en el culto dinástico?”, in A. Martínez Fernández (ed.), *Estudios de Epigrafía Griega*, La Laguna, 277-294.
- Mayer, M. (2010), “La presència de la dinastia antonina a Tarraco”, in *Studia Celtica Classica et Romana Nicolae Szabó septuagesimo dicata*, Budapest, 159-167.
- Mayer, M. (2015), “La epigrafía y el *Augusteum* de Narona”, in G. Zecchini (ed.), *L’Augusteum di Narona. Atti della Giornata di Studi. Roma 31 maggio 2013*, (Centro ricerche e documentazione sull’ antichità clásica, monografie, 3 7), Roma, pp. 19-41.
- McCrum, M., Woodhead, A.G. (1961), *Select Documents of the Principates of the Flavian Emperors Including the Year of Revolution, A.D. 68-96*, Cambridge.
- Mednikarova, I. (2003), “The accusative of the name of the deceased in Latin and Greek epitaphs”, *ZPE* 143: 117-134.
- Meiggs, R. (1972), *The Athenian Empire*, Oxford.
- Melani, V., Vergari, M. (1985), *Profilo di una città etrusca Roselle*, Pistoia.
- Melchor Gil, E. (1992), “Sistemas de financiación y medios de construcción de la red viaria hispana”, *Habis*, 23: 121-137.
- Melchor Gil, E. (2010), “Homenajes estatutarios e integración de la mujer en la vida pública municipal de las ciudades de la Bética”, in F. J. Navarro (ed.), *Pluralidad e integración en el Mundo Romano*, Pamplona, 221-245.

- Mellor, R. (1975), *ΘΕΑ ΡΩΜΗ the Worship of the Goddess Roma in the Greek World*, Göttingen.
- Mellor, R. (1981), "The Goddess Roma", in *ANRW* II 17. 2, Berlin, New York, 950-1030
- Menegazzi, L. (1995), *Il manifesto italiano* (prima ed. 1974), Milano.
- Merêa, P. (1929), *História de Portugal*, Vol. II. Coimbra.
- Merêa, P. (1941), *Suárez, Grácio, Hobbes*, Coimbra.
- Mesnard, P. (1977), *Essor de la philosophie politique au XVIe Siècle*, Paris.
- Messerschmidt, W. (2003), *Prosopopoiia: Personifikationen politischen Charakters in spätklassischer und hellenistischer Kunst*, Köln.
- Michelini, A. N. (1994), "Political themes in Euripides' *Suppliants*", *AJP* 115. 2: 219-252.
- Millar, F. (1968), "Local cultures in the Roman Empire: Libyan, Punic and Latin", *JRS* 58: 126-134.
- Millar, F. (1993), *The Roman Near East 31 BC-337 AD*, London.
- Millar, F. (2006), *A Greek Roman Empire, Power and belief under Theodosius II 408-450*, Berkeley.
- Minerath, R. (1996), *Histoire des Conciles*, Paris.
- MLH = J. Untermann, J. (1975-2000), *Monumenta linguarum Hispanicarum*, I-V, Wiesbaden.
- Moggi, M. (1976), *I sinecismi interstatali greci*, Pisa.
- Moncada, C. (1947), *Filosofia do direito e do estado*, I, Coimbra.
- Monfrin, J. (1964), "Humanisme et traductions au Moyen Age", in *L'Humanisme médiéval dans les littératures romanes du XIIe au XIVe siècle* (Actes du Colloque organisé par le Centre de Philologie et de Littératures romanes de l'Université de Strasbourg), Paris.
- Monteiro, N., d'Encarnação, J. (1993-1994), "A propósito de uma inscrição latina em Santiago da Guarda (Ansião)", *Conimbriga* 32-33: 303-311.
- Moretti, G. (2007), "Patriae trepidantis imago. La personificazione di Roma nella *Pharsalia* fra *ostentum* e disseminazione allegorica", *Camena* 2: 1-17
- Morrison, A. D. (2007), *The Narrator in Archaic Greek and Hellenistic Poetry*, Cambridge.
- Mosley, D. J. (1965), "The Size of Embassies in Ancient Greek Diplomacy", *TPAPhA*: 255-266.
- Mosley, D. J. (1972), "Envoys and diplomacy in Ancient Greece", *Historia* 22: 1-97.
- Mossé, Cl. (1970), *La colonisation dans l'Antiquité*, Paris, 27-99.

- Mullen, A. (2007), “Linguistic evidence for ‘romanization’: continuity and change in Romano-British onomastics: a study of the epigraphic record with particular reference to Bath”, *Britannia* 38: 35-61.
- Muñoz, V. (2005), “La *interpretatio romana* del dios prerromano Bandue”, *Veleia* 22: 145-152.
- Munro, J.A.R. (1926), “Xerxes’ Invasion of Greece”, in *The Persian Empire and the West, Cambridge Ancient History*, Vol. IV, Cambridge, 268-316.
- Nascimento, A. A. (1990), “Poggio e o seu interesse por códices de Alcobça”, *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa* 13-14: 37-40.
- Nascimento, A. A. (1993), “As librerias dos príncipes de Avis”, *Biblos. Revista da Faculdade de Letras* (Coimbra). *Actas do Congresso Comemorativo do 6º Centenário do Infante D. Pedro* (25 a 27 de Novembro de 1992) 69: 265-287.
- Nascimento, A. A. (1995), “La réception des auteurs classiques dans l’espace cultural portugais: une question ouverte”, in C. Leonardi, B. Munk Olsen (eds.), *The Classical Tradition in the Middle Ages and Renaissance*, Spoleto, 47-56.
- Nascimento, A. A. (1997), “Traduzir, verbo de fronteira nos contornos da Idade Média”, in C. Almeida Ribeiro, M. Madureira (eds.), *O género do texto medieval*, Lisboa, 113-138.
- Nascimento, A. A. (1999), *Cister. Os documentos primitivos. No 9.º Centenário da fundação de Cister* (1999). Introdução, tradução e notas de Aires A. Nascimento, Lisboa.
- Navarro Caballero, M. (2003), “Mujer de notable: representación y poder en las ciudades de la España imperial”, in S. Armani, B. Martineau-Hurlet, A. U. Stylow, (eds.), *Acta antiqua Complutensia IV. Epigrafía y sociedad en Hispania durante el Alto Imperio: estructuras sociales*, Alcalá de Henares, 119-127.
- Nemeti, S. (1998), “Cultul lui Sucellus–Dis Pater și al Nantosueltei–Proserpina în Dacia romană”, *EphemNapoc* 8: 95-121.
- Neumann, G., Untermann, J. (eds.) (1980), *Die Sprachen im Römischen Reich der Kaiserzeit. Beihefte der Bonner Jahrbücher* 40, Bonn.
- Nicosia, F. (ed.) (1990), *Un decennio di ricerche a Roselle. Statue e ritratti*, Firenze.
- Nunes, E., Albuquerque, M. (1968), “Parecer do doutor ‘Valasco di Portogallo’ sobre o beneplácito régio (Florença, 1954)”, in V. Rau (ed.), *Do tempo e da historia*, Lisboa, t. 2, 97-139.
- Ober, J. (1989), *Mass and Elite in Democratic Athens. Rhetoric, Ideology, and the Power of the People*, Princeton.
- Odiot, T. (2004), “Le site du Molard à Donzère”, in Brun, J.-P., Poux, M., Tchernia, A. (eds.), *Le vin. Nectar des Dieux. Génies des Hommes*, Gollion, 202-203.

- Oelmann, F. (1914), *Die Keramik des Kastells Niederbieber*, Frankfurt.
- Ohly, D. (1976), *Die Aegineten: die Marmorskulpturen des Tempels der Aphaia auf Aegina*. (a) I. Die Ostgiebelgruppe. München. (b) II. Die Westgiebelgruppe. III. Altarplatzgruppen, Akrotere, etc, München.
- Olteanu, T. (2008), “El culto a Victoria y la *interpretatio* indígena en el Occidente de Hispania, Gallia y el norte de Britania”, *BVallad* 74: 197-224.
- Ors, A. de (1953), *Epigrafía jurídica de la España romana*, Madrid.
- Pacaut, M. (1993), *Les moines blancs. Histoire de l'Ordre de Cîteaux*, Paris.
- Pallottino, M. (1952), “El problema de las relaciones entre Cerdeña e Iberia en la antigüedad prerromana”, *Ampurias* 14: 137-155.
- Pancieria, S. (2003), “Umano, sovraumano o divino? Le divinità augustee e l'imperatore a Roma”, in L. de Blois, P. Erdkamp, O. Hekster, G. De Kleijn, S. Mols, (eds.), *The Representation and Perception of Roman Imperial Power. Proceedings of the Third Workshop of the International Network Impact of Empire (Roman Empire c. 200 B.C. – A.D. 476)*, Amsterdam, 219-239.
- Paparelli, G. (1973), *Feritas, humanitas, diuinitas. L'essenza umanistica del Rinascimento*, Napoli.
- Parker, V. (1988), “Τύραννος. The semantics of a political concept from Archilochus to Aristotle”, *Hermes* 126. 2: 145-172.
- Patillon, M. (ed.) (2002), *Pseudo-Aelius Aristide, Arts rhétoriques*, Paris.
- Pekary, T. (1968), *Untersuchungen zu den römischen Reichsstraßen*, Bona.
- Pellegrini, D. P. M. (2003), *Le Grandi Storie dell'Auto*, vol. 2, *Alfa Romeo*, 35-35.
- Pelling, Ch. (2002), “Speech and action: Herodotus' Debate on the Constitutions”, *PCPhS* 48: 123-158.
- Peña Cervantes, Y. (2010), *Torcularia. La producción de vino y aceite en Hispania. Catálogo de yacimientos analizados en cedé* (Sèrie documenta 149), Tarragona.
- Pensa, M. (1979), “Genesi e sviluppo dell'arco onorario nella documentazione numismática”, *Studi sull'Arco Onorario Romano*, Roma, 19-27.
- Peres, D. (1952), *História de Portugal*, II, Porto.
- Pérez Martin, A. (1979), *Proles Aegidiana. I. Introducción. Los Colegiales desde 1368 a 1500*, Bolonia.
- Pérez Martin, A. (1999), *Espanoles en el Alma Mater Studiorum. Profesores hispanos en Bolonia (de fines del siglo XII a 1799)*, Murcia.
- Pérez Ruiz, F. (1984), “El justo es feliz y el injusto desgraciado, justicia y felicidad en la República de Platon”, *Pensamiento* 40, 159: 257-295.
- Petrarca, F. (1581), *Francisci Petrarcae Florentini Opera*. Basileae, per Sebastianum Henricpetri.

- Petrarca, F. (1942), *Epistolae familiares*, in V. Rossi (ed.), *Le Familiari*, Firenze.
- Petri, Ch. (1989), “La politique de Constance II: un premier ‘césaropapisme’ ou l’*imitatio Constantini*?” in A. Dihle (coord.), *L’église et l’empire au IV siècle*, Genève, 113-178.
- Pfeiffer, R. (1949-1951), *Callimachus*, 2 vols., Oxford.
- Pflaum, H.G. (1976), *Inscriptions latines de l’Algérie*, t. II, vol. II, *Inscriptions de la Confédération cirtéenne, de Cuicul et de la tribu des Suburbures*, Alger.
- Pflug, H. (1941), *As auto-estradas do Reich*, Berlim.
- Pharr, C. et alii (2008), *The Theodosian Code and Novels and the Sirmundian Constitution. Translation, commentary and bibliography*, Union (NJ).
- Piana, C. (1976), *Nuovi documenti sull’Università di Bologna e sul Collegio di Spagna*, I-II, Bologna, Zaragoza.
- Pick, B. (1898), *Die antiken Münzen Nordgriechenlands I, 2. Die antiken Münzen von Dacien und Moesien*, Berlin.
- Piganiol, A. (1972, 2<sup>a</sup> ed.), *L’empire chrétien*, Paris.
- Pina, R. de (1977), *Chronica do Senhor Rey D. Affonso V*, cap. CXXV “Das feições costumes e virtudes do Yfante Don Pedro”, in M. L. de Almeida (Intro. e Revisão), *Crónicas de Rui de Pina*, Porto.
- Pinheiro Futre, M. P. (2006), “Do Mito à Utopia: viagem ao mundo do imaginário grego” in *Actas do V Congresso da APEC – Antiguidade Clássica e nós: Herança e Identidade Cultural*, Braga, 569-581.
- Pinho, S. T. (1999), “Os Príncipes de Avis e o Pré- Humanismo Português”, in *Raízes Greco-Latinas da Cultura Portuguesa. Actas do I Congresso da APEC*, Coimbra, 99-133.
- Pinto, Frei H. (1952), “Diálogo da justiça”, in *Imagem da vida cristã*, I, Lisboa.
- Pippidi, D. M. (1971), *I Greci nel Basso Danubio dall’età arcaica alla conquista romana*, Mailand.
- Pirling, R. (1993), “Ein Trierer Spruchbecher mit ungewöhnlicher Inschrift aus Krefeld-Gellep”, *Germania* 71: 387-404.
- Podlecki, A. J. (1976), “Athens and Aegina”, *Historia* 25.4: 396-413.
- Poenaru Bordea, G. (1979), “Les statères ouest-pontiques de type Alexandre le Grand et Lysimaque”, *RBNS* 125: 37-51.
- Prag, J. R. W. (2002), “Epigraphy by numbers: Latin and the epigraphic culture in Sicily”, in A. E. Cooley (ed.), *Becoming Roman, Writing Latin? Literacy and Epigraphy in the Roman West. JRA Suppl. Ser.* 48: 15-31.
- Preda, C., Popescu, E., Diaconu, P. (1962), “Săpăturile arheologice de la Mangalia (Callatis)”, *Materiale* 8: 439-455.
- Pressouyre, L. (1990), *Le rêve cistercien*, Paris.



- Price, S. R. F. (1984), *Rituals and Power. The Roman Imperial Cult in Asia Minor*, Cambridge.
- Privitera, G. A. (1988), “Pindaro, *Nem.* III 1-5 e l'acqua di Egina”, *QUCC* 58: 63-70.
- Puerta Torres, C. (1995), *Los miliarios de la Vía de la Plata*, 1-2, Madrid.
- Quadrino, D. (2007), *Una nuova iscrizione onoraria di Adriano e il Sebasteion di Kestros in Cilicia Tracheia*, Tivoli.
- Radnoti Alföldi, M., Rasbach, G. (1999), “Zur Frage der interpretatio Romana“, in *Festschrift für Günter Smolla*, Wiesbaden, 597-605.
- Raepsaet-Charlier, M. Th. (1975), “La datation des inscriptions latines dans les provinces occidentales de l'Empire Romain d'après les formules « In H(onorem) D(omus) D(ivinae) » et « Deo, Deae »”, in *ANRW II* 3: 232-282.
- Raepsaet-Charlier, M. Th. (2005), “Les sacerdoces des femmes sénatoriales sous le Haut-Empire”, in M.-F. Baslez, F. Prévot (eds.), *Prosopographie et histoire religieuse. Actes du colloque tenu en l'Université Paris XII-Val de Marne le 27 & 28 octobre 2000*, Paris, 283-304.
- Ramalho, A. C. (1985), *Latim Renascentista em Portugal (Antologia)*, Coimbra.
- Rapp, Cl. (2005), *Holy Bishops in Late Antiquity, The nature of Christian Leadership in an age of transition*, Berkeley.
- Rau, V. (1969), “Italianismo na cultura jurídica portuguesa do século XV”, *Revista Portuguesa de História* 12.1: 185-206.
- Rau, V. (1973), “Studenti ed eruditi portoghesi in Italia nel secolo XV”, *Estudos Italianos em Portugal* 36: 7-73.
- Rawlinson, H. G. (1916), *Intercourse between India and the Western World from the Earliest Times to the Fall of Rome*, Cambridge.
- Rebelo, D. L. (1951), *Do governo da república pelo rei (de república gubernanda per regem)*, reprodução fac-similada da edição de 1496, Introdução e notas de A. M. de Sá, Lisboa.
- Rebelo, L. de S. (1983), *A concepção do poder em Fernão Lopes*, Lisboa.
- Rebuffat, R. (2007), “Pour un corpus des bilingues punico-libyques et latino-libyques”, in M. H. Fantar (ed.), *Osмосe etnho-culturelle en Méditerranée*, Tunis, 183-242.
- Regra do Patriarca S. Bento* (1992), Edições “Ora & Labora”, Singeverga.
- Rhodes, P. J. (1993), *A Commentary on the Aristotelian ATHENAION POLITEIA*, Oxford.
- Rhodes, P. J. (2006), *A History of the Classical Greek World 478-323 BC*, Molden.
- RIB = Collingwood, R. G. (1965), *The Roman inscriptions of Britain. I. Inscriptions on stone*, Oxford.

- RIG = P.-M. Duval (ed.), *Recueil des inscriptions gauloises*, Paris 1985-. I: M. Lejeune, *Textes gallo-grecs*, 1985; II.1: M. Lejeune, *Textes gallo-étrusques. Textes gallo-latins sur pierre*, 1988; II.2: P.-Y. Lambert, *Textes gallo-latins sur instrumentum*, 2002; III: P.-M. Duval y G. Pinault, *Les calendriers (Coligny, Villards d'Héria)*, 1988; IV: J.-B. Colbert de Beaulieu y B. Fischer, *Les légendes monétaires*, 1998.
- Ripollés, P. P. (2004), "Coinage and identity in the Roman provinces: Spain", in Ch. Howgego, V. Heuchert, A. Burnett (eds.), *Coinage and identity in the Roman provinces*, Oxford, 79-93.
- Ripollés, P. P., Velaza, J. (2002), "Saguntum, colonia latina", *ZPE* 141: 285-294.
- Rodgers, B. (1989), "The Metamorphosis of Constantine", *CQ* 39.1: 233-246.
- Rodrigues, M. A. (1993), "O infante D. Pedro e a Universidade", *Biblos. Revista de Faculdade de Letras (Coimbra). Actas do Congresso Comemorativo do 6º Centenario do Infante D. Pedro (25 a 7 de Novembro de 1992)* 69: 345-362.
- Rodrigues, N. S. (2007), "Entre Europa e Io: elementos orientais na arte grega arcaica e clássica", in J. A. Ramos, L. M. Araújo, A. Ramos dos Santos (eds.), *Arte Pré-Clássica. Colóquio Comemorativo dos Vinte Anos do Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, Lisboa, 323-346.
- Rodríguez, P., Díez de Pinos, E. (2014), "Nueva inscripción celtibérica en piedra de El Pueyo de Belchite (Zaragoza)", *Palaeohispanica* 14: 245-262.
- Rodríguez Colmenero, A., Ferrer Sierra, S., Álvarez Asorey, R. (2004), *Miliários e outras inscrições viarias romanas do noroeste hispánico*. Santiago de Compostela.
- Rocha Pereira, M. H. (1981), "O mais antigo texto europeu de teoria política", *Nova Renascença* 1: 364-370.
- Rocha Pereira, M. H. (1990), "O 'Diálogo dos Persas' em Heródoto", *Estudos Portugueses. Homenagem a António José Saraiva*, Lisboa, 351-362.
- Rocha Pereira, M. H. (2003), *Hélade. Antologia da Cultura Grega*, Asa, Porto.
- Rocha Pereira, M. H. (2008, 8ª ed.), *Sófocles: Antígona*, Coimbra.
- Rocha Pereira, M. H. (2009, 10ª ed.), *Hélade*, Lisboa, Guimarães.
- Rocha Pereira, M. H. (2012), *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol.1 – *Cultura Grega*, Lisboa.
- Roldán Hervás, J. (1975), *Itineraria Hispana. Fuentes antiguas para el estudio de las vías romanas en la Península Ibérica*, Madrid.
- Röllig, W. (1980), "Das Punische im Römischen Reich", in G. Neumann, J. Untermann (eds.), *Die Sprachen im Römischen Reich der Kaiserzeit. Bonner Jahrbücher des Rheinischen Landesmuseums in Bonn im Landschaftsverband*

- Rheinland und des Vereins von Altertumsfreunden im Rheinlande* 40), Köln, 285-299.
- Romano, E. (2006-2009), “Le tombe “a *cupa*” in Italia e nel Mediterraneo. Tipologia architettonica, committenza e rituale”, *StC/O* 52: 149-219.
- Romilly, J. de (1959), “Le classement des constitutions d’Hérodote à Aristote”, *REG* 72: 81-99.
- Rose, C. B. (1997), *Dynastic Commemoration and Imperial Portraiture in the Julio-Claudian Period*, Cambridge.
- Rosenthal, F. (1936), *Die Sprache der palmyrenischen Inschriften und ihre Stellung innerhalb des Aramäischen*, Leipzig.
- Rosivach, V. J. (1977), “Earthborns and Olympians: the *parodos* of the *Ion*”, *CQ* 27. 2: 284-294.
- Rosivach, V. J. (1988), “The Tyrant in Athenian Democracy”, *QUCC* 59: 43-57.
- Rossillon, Ph. (ed.) (1995), *Atlas de la langue française*, Paris.
- Rossiter, J. J. (1978), *Roman Farm Buildings in Italy* (BAR int. Ser. 52), Oxford.
- Rössler, O. (1980), “Libyen von der Cyrenaica bis zur Mauretania Tingitana”, in G. Neumann, J. Untermann (eds.), *Die Sprachen im Römischen Reich der Kaiserzeit. (Bonner Jahrbücher des Rheinischen Landesmuseums in Bonn im Landschaftsverband Rheinland und des Vereins von Altertumsfreunden im Rheinlande 40)*. Köln, 267-284.
- Rubenstein, L. (2004), “Ionia”, in M. H Hansen, T. H. Nielsen (eds.), *An Inventory of Archaic and Classical poleis*, Oxford, 1053-1107.
- Rucquoi, A. (2003), “Rois et princes portugais chez les auteurs castillans du XV<sup>ème</sup> siècle», *Península. Revista de Estudos Ibéricos. Entre Portugal e Espanha. Relações Culturais (séculos XV- XVIII)*. In *Honorem Jose Adriano de Freitas Carvalho*, 0: 39-51.
- Ruggini, L. C. (1989), “Felix Temporum Reparatio”, in A. Dihle (coord.), *Realtà socio-economica in movimento durante un ventennio di regno (Costanzo II Augusto, 337-361 d.C.)*, *L’eglise et l’empire au IV siècle*, Genève, 179-243.
- Rüpke, J. (2005), *Fasti sacerdotum. Die Mitglieder der Priesterschaften und das sakrale Funktionspersonal römischer, griechischer, orientalischer und jüdisch-christlicher Kulte in der Stadt Rom von 300 v. Chr. bis 499 n. Chr.*, Wiesbaden.
- Rusjaeva, A., Vinogradov, Ju. G., (2000), “Apollon Ietros. Herrscher von Istros”, in A. Avram, M. Babeş (eds.), *Olbia, Civilisation grecque et cultures antiques périphériques. Hommages à P. Alexandrescu à son 70<sup>e</sup> anniversaire*, Bucarest, 229-234.
- Rutishauer, B. (2012), *Athens and the Cyclades. Economic Strategies 540-314 BC*, Oxford.
- Sabbadini, R. (1905), *Le scoperte dei codici latini e greci ne’ secoli XIV e XV*, Florencia.

- Sabbadini, R. (1914), *Le scoperte dei codici latini e greci ne' secoli XIV e XV*, Florencia.
- Saddington, D.B. (1999), "Roman soldiers, local gods and interpretatio Romana in Roman Germany", *ActaCl* 42:155-169.
- Salazar, A. M. (1976), "El impacto humanístico de las misiones diplomáticas de Alonso de Cartagena en la Corte de Portugal entre medioevo y renacimiento (1421-31)", in A. D. Deyermond (ed.), *Medieval Hispanic Studies presented to Rita Hamilton*, Londres, 215-226.
- Salinas, M. (1995), "Los inicios de la epigrafía en Lusitania oriental", in F. Beltrán (ed.), *Roma y el naámiento de la cultura epigráfica en Occidente*, Zaragoza, 281-291.
- Salway, B. (2001), "Travel, Itineraria and Tabellaria", in C. Adams and R. Laurence (eds.), *Travel and Geography in the Roman Empire*, Londres, Nova Iorque, 22-66.
- Santo Agostinho (2009 12ª ed. ), *A cidade de Deus*, trad. de Oscar Paes Leme, 2 v., Vozes, Petrópolis, São Paulo.
- Santos, M. J. A. (1998), *Vida e morte de um mosteiro cisterciense. S. Paulo de Almaziva – Séculos XIII-XV*, Lisboa.
- Saumagne, C. (1928), "Iter populo debetur", *Révue d'Histoire, de Littérature et d'Histoire Anciennes* 54: 320-353.
- Scheer, T. S. (2003), "The Past in na Hellenistic Present: Myth and Local Tradition", in A. Erskine (ed.), *A Companion to the Hellenistic World*, Oxford, 216-231.
- Scheid, J. (2015), "Les Augustea et le culte des empereurs. Réflexions sur les rites célébrés dans ces lieux de culte", in P. Gros, E. Marin, M. Zink (eds.), *Auguste, son époque et l'Augusteum de Narona. Actes du colloque organisé à l'Académie des Inscriptions et Belles-Letres et l'Université Catholique de Croatie (Zagreb) 12 décembre 2014*, 17-30, Paris.
- Schilardi, G. (ed.) (1997), *Filostrato. Immagini*, Lecce.
- Schmidt, R. (1980), "Die Ostgrenze von Armenien über Mesopotamien, Syrien bis Arabien", in G. Neumann, J. Untermann (eds.), *Die Sprachen im Römischen Reich der Kaiserzeit. (Bonner Jahrbücher des Rheinischen Landesmuseums in Bonn im Landschaftsverband Rheinland und des Vereins von Altertumsfreunden im Rheinlande 40)*. Köln, 187-214.
- Schmidt, Th., Fleury, P. (2011), *Perceptions of the Second Sophistic and its Times. Regards sur la seconde sophistique et son époque*, Toronto, Buffalo, London.
- Schwartz, J. (1960), *Pseudo-Hesioda: recherches sur la composition, la diffusion et la disparition ancienne d'oeuvres attribuées à Hésiode*, Leiden.
- Scott, K. (1936), *The Imperial Cult under the Flavians*, Stuttgart.
- Sealey, R. (1976), *A history of Greek city-states 700 -338 B. C.* Berkeley.

- Seignobos, Ch. (1969), *Histoire sincère de la nation française*, Paris.
- Semerari, L. (2000), *Aula Magna Università degli Studi di Bari*, Bari.
- Sergent, B. (2006), “Sucellus et le tonneau”, in *Anthropology of the Indo-European World and Material Culture. Proceedings of the 5th International Colloquium of Anthropology of the Indo-European World and Comparative Mythology*, Budapest, 61-80.
- Serra, J. C. da (1972), *Academia Real das Sciencias de Lisboa*, II, cap. VII, Lisboa.
- Sforza, W. C. (1951), “Osservazioni sul ‘De nobilitate legum’ di Coluccio Salutati”, in E. Castelli (ed.), *Umanesimo e Scienza politica (Atti del congresso Internazionale di Studi Umanistici, Roma-Firenze, 1949)*, Milano.
- Shapiro, H.A. (1993), *Personification in Greek art: the representation of abstract concepts 600-400 b.C.*, Zürich.
- Shaw, M. H. (1982), “The ἦθος of Theseus in ‘The Suppliant Women’”, *Hermes* 110. 1: 3-19.
- Shorrock, R. (2011), *The Myth of Paganism: Nonnus, Dionysus and the World of Late Antiquity*, Bristol.
- Sigeia, L. (1970), *Dialogue de deux jeunes filles sur la vie de retraite (1552)*, Présenté, traduit et annoté par O. Sauvage (ed.), Paris.
- Sillières, P. (1990), *Les voies de communication de l’Hispanie méridionale*, Paris.
- Silva, N. J. E. G. (1964), *Humanismo e Direito em Portugal no século XVI*, Lisboa.
- Simón, I. (2013), *Los soportes de la epigrafía paleohispánica. Inscripciones sobre piedra, bronce y cerámica*, Zaragoza, Sevilla.
- Siniscalco, P. (2004, 5ª ed.), *Il cammino di Cristo nell’Impero romano*, Roma, Bari.
- Slavazzi, F. (2006), “Il ciclo di rilievi della Kaisersaal del ginnasio di Vedio a Efeso”, in *Iconografia 2005. Immagini e immaginari dell’antichità classica al mondo moderno*, Roma, 235-243
- Smyth, A. C. (2011), *Polis and Personification in Classical Athenian Art*, Leiden.
- Snodgrass, A. M. (1977), *Archaeology and the rise of the Greek state*, Cambridge.
- Snodgrass, A. M. (1980), *Archaic Greece. The age of experiment*, Londres.
- Soares, C. (2008), *Platão. O Político*. Tradução do grego, introdução e notas, Lisboa.
- Soares, C. (2014), “Theoria e práxis política em Heródoto”, *Cuadernos de Filología Clássica: Estudios griegos e indoeuropeus* 24: 57-79.
- Soares, N. C. (1994), *O príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*, Coimbra.
- Soares, N. C. (2002), “O infante D. Pedro e a cultura portuguesa”, *Biblos. Revista da Faculdade de Letras* 78:107-128.

- Sodano, A. R. (1970), *Porphyrii Quaestionum Homericarum Liber I*, Napoli.
- Solas, J. G. (2008), “Escrito sobre la ciudad”, *Pensar la publicidad*, II, n. 2: 37-62.
- Sordi, M. (1965), *Il cristianesimo e Roma*, Bologna.
- Sordi, M. (1984), *I cristiani e l'impero romano*, Milano.
- Soria, A. (1956), *Los humanistas de la Corte de Alfonso el Magnánimo (según los epistolarios)*, Granada.
- Sousa, D. A. C. de (1946-1954), *Memória dos livros do uso del Rey D. Duarte*, in *Provas da história genealógica da casa real portuguesa*, tomo I, liv. III, Coimbra.
- Sousa, R., Fialho, M. C., Haggag, M., Rodrigues, N. S. (2013), *Alexandrea ad Aegyptum: The Legacy of Multiculturalism in Antiquity*, Lisboa.
- Spickermann, W. (1997), “Aspekte einer neuen regionalen Religion und der Prozess der “interpretatio“ im römischen Germanien, Rätien und Noricum“, in *Römische Reichsreligion und Provinzialreligion*, Tübingen, 145-167.
- Spyridakis, S. (1968), “Zeus is Dead: Euhemerus and Crete”, *CJ* 63: 337-340.
- Stafford, E., Herrin, J. (eds.) (2005), *Personification in the Greek World from Antiquity to Byzantium*, Burlington.
- Statuta capitulorum generalium ordinis Cisterciensis ab anno 1116 ad annum 1786 edidit Josephus M.<sup>ia</sup> Canivez* (1933-1941), 8 vols., Louvain.
- Stefan, A. (2005), “Le titre de *filius Augustorum* de Maximin et Constantin et la théologie de la tétrarchie”, in M.-F. Baslez, F. Prévot (eds.), *Prosopographie et histoire religieuse. Actes du colloque tenu en l'Université Paris XII-Val de Marne le 27 & 28 octobre 2000*, Paris, 329-349
- Stefani, G. (1986), “I cippi a botte della provincia Sardinia”, *Nuovo bullettino Archeologico Sardo* 3: 115-160.
- Stefani, G. (1988), “Cippi a botte nella basilica di S. Saturnino a Cagliari”, *Quaderni della Soprintendenza archeologica per le province di Cagliari e Oristano* 5: 167-175.
- Stegmann, A. (1977), “La place de la praxis dans la notion de ‘raison d’État’”, in *Théorie et pratique politiques à la Renaissance*, Paris.
- Steinbrecher, M. (1985), *Der Delisch-Attischen Seebund und die Athenisch-Spartanischen Beziehungen in der Kimonischen Ära (478/77 – 462/1)*, Berlin.
- Stemmer, K (ed.) (1995), *Standorte – Kontext und Funktion antiker Skulptur*, Berlin.
- Sterckx, C. (2008), “Sucellos et le casque d’Hadès”, in *Philomythia. Mélanges offerts à Alain Moreau*, Monts, 223-229.
- Stern, J. (1996), *Palaephatus. Peri Apiston: On Unbelievable Tales*, Wauconda.

- Stern, J. (1999), “Rationalizing Myth: Methods and Motives in Palaephatus” in R. Buxton, R. (ed.), *From Myth to Reason? Studies in the Development of Greek Thought*, Oxford, 215-222.
- Stewart, A. (1990), *Greek Sculpture: an exploration*, New Haven, Yale.
- Storey, I. C. (2003), *Eupolis poet of old comedy*, Oxford.
- Stowe Mead, G. R. (1901), *Apollonius of Tyana, the Philosopher-Reformer of the First Century A.D.*, London.
- Strassler, R. B. (ed.) (2007), *Landmark Herodotus: The Histories*, New York.
- Strassler, R.B. (ed.) (2009), *Landmark Herodotus: The Histories*, New York.
- Strootman, R. (2010), “Literature and the Kings”, in Clauss, J., Cuypers, M. (eds.), *A Companion to Hellenistic Literature*, Malden, Oxford, 30-45.
- Suberbiola Martínez, J. (1987), *Nuevos concilios hispano-romanos de los siglos III y IV. La colección de Ekvira*, Málaga.
- Szabó, Á. (2007), *Daciai papság*, Budapest.
- Szabó, Á. (2008), “Sulla questione dello statuto giuridico dei sacerdoti provinciali durante il principato. Studio preliminare”, *Iustum Aequum Salutare* 4: 71-81.
- Tamerl, I. (2008), *Das Holzfass in der römischen Antike mit einer Studie zu Fassfunden in Raetien*, Diplomarbeit presso l'Università di Innsbruck, consultabile presso la Universitäts- und Landesbibliothek Innsbruck DG43696.
- Tate, J. (1927), “The Beginnings of Greek Allegory”, *CR* 41.6: 214-215.
- Tchernia, A. (1986), *Le vin de l'Italie romaine. Essai d'histoire économique d'après les amphores* (BEFAR 261), Rome.
- Teive, D. de (1786), *Epodos Que Cont'em Sentenças Uteis A todos os Homens, A's quaes se acrescentão Regras para a boa educação de hum príncipe*. Trad. no vulgar em verso solto por Francisco de Andrade (conforme à ed. de Lisboa, 1565), Lisboa, Na Of. Patr. de Francisco Luiz Ameno.
- Temporini, H. (1978), *Die Frauen am Hofe Trajans. Ein Beitrag zur Stellung der Augustae im Principat*, Berlin, New York.
- Thomson de Grummond, N. (2006), *Etruscan Myth. Sacred History, and Legend*, Philadelphia.
- Tomlin, R. S. O. (1987), “Was ancient British Celtic ever a written language? Two texts from Roman Bath”, *Bulletin of the Board of Celtic Studies* 34: 18-25.
- Topál, J. (1990), “Der Import der sogenannten Moselweinkeramik in Pannonien”, *ReiCretActa* 27-28: 177-184.
- Tortorici, E. (1975), *Castra Albana. Forma Italia, Regio I*, Roma.
- Touchard, J. (1959), *Histoire des idées politiques*, I. Paris [trad. port. Lisboa, 1970].

- Tranoy, A. (1981), *La Galice romaine*, Paris.
- Tuchelt, K. (1981), “Zum Problem Kaisareion-Sebasteion. Eine Frage zu den Anfängen des römischen Kaiserkultes”, *MDAI*, 31 : 167-186.
- Ulbert, G. (1959), “Römische Holzfässer aus Regensburg”, *Bayerische Vorgeschichtsblätter* 24: 6-29.
- Ullman, B. L. (1963), *The humanism of Coluccio Salutati*, Padova.
- Ullmann, W. (1980), *Radici del Rinascimento* (tr. ital.), Roma, Bari.
- Unz, R.K. (1985), “The Surplus of the Athenian *phoros*”, *GRBS* 26: 21-42.
- Ureña Prieto, M. H. (2001), *Dicionário de Literatura Grega*, Lisboa.
- Valiño, A. (1999), “La cerveza en las fuentes romanas. Base textual y fijación de su importancia”, *AncHistB* 13: 60-71.
- Van Haeperen, F. (2002), “Le collège pontifical (3ème s. a.C.-4ème s. p.C.)”, *Études de Philologie, d'Archéologie et d'Histoire Anciennes* 39: 11-42.
- Varner, E.R. (2004), *Mutilation and transformation. Damnatio memoriae and Roman Imperial Portraiture*, Leiden, Boston.
- Várzeas, M. I. O. (2013), “Callimachus and the New Paths of Myth”, in R. Sousa et alii (coord.) *Alexandrea ad Aegyptum: the legacy of multiculturalismo in antiquity*. Lisboa.
- Velaza, J. (2003), “Epigrafía ibérica emporitana: bases para una reconsideración”, *Palaeohispanica* 3: 179-192.
- Velaza, J. (2003a), “Las inscripciones monetales”, in P. P. Ripollés, M. del M. Llorens, *Arse-Saguntum. Historia monetaria de la ciudad y su territorio*, Sagunto, 121-148.
- Velaza, J. (2009), “Epigrafía y literacy paleohispánica en territorio vascón”, *Palaeohispanica* 9: 611-622.
- Vergerio, P. P. (1934), “Epistolario di Pier Paolo Vergerio”, in L. Smith (ed.), *Fonti per la storia d' Italia*, vol. 74, Roma, 436-445.
- Vierneisel, K., Zanker, P. (1979), *Die Bildnisse des Augustus: Herrscherbild und Politik in kaiserlichen Rom*, München.
- Villar, F., Pedrero, R. (2001), “Arroyo de la Luz III”, *Palaeohispanica* 1: 235-274.
- Vinogradov, J. G. (2000), “Heilkundige Eleaten in den Schwarzmeergründungen”, in M. Dreher (ed.), *Bürgersinn und staatliche Macht. Festschrift für Wolfgang Schuller zum 65. Geburtstag*, Konstanz, 133-149.
- Vittinghoff, F. (1951), *Römische Kolonisation und Bürgerrechtspolitik unter Caesar und Augustus*, Wiesbaden.
- Vives, J., Marín, T., Martínez, G. (1963), *Concilios visigóticos e hispano-romanos*, Madrid, Barcelona.



- Voragine, T. (2004), *Legenda Áurea*. Apresentação do Cardeal Dom José Saraiva Martins e introdução do Doutor Aníbal Pinto de Castro. Tomo Segundo, Porto.
- Waern, I. (1951), ΓΗΣ ΟΣΤΕΑ. *The Kenning in Pre-Christian Poetry*, Uppsala.
- Wallace, M. B., Figueira, T. J. (2010), “Notes on the Island *Phoros*”, *ZPE* 172: 65-69.
- Wallace-Hadrill, A. (2005), “*Mutatas formas*: The Augustan Transformation of Roman Knowledge”, in K. Galinsky (ed.), *The Cambridge Companion to the Age of Augustus*, Cambridge, 55-84.
- Wallinga, H. T. (2005), *Xerxes' Greek Adventure. The Naval Perspective*, Leiden.
- Walter, H. (1993), *Ägina: die archäologische Geschichte einer griechischen Insel*, München.
- Walters, K. R. (1981), “Four Hundred Athenian Ships at Salamis?”, *RhM* 124: 199-203.
- Wankel, H. (1983), “Thukydides 1,74,1 und die Schiffszahlen von Salamis”, *ZPE* 52: 63-66.
- Wells, J. (1923), *Studies in Herodotus*, Oxford.
- Wesseling, P. (ed.) (1735), “Itinerarium Antonini Augusti”, *Vetera Romanorum Itineraria*, Amesterdão.
- West, M. L. (1985), *The Hesiodic Catalogue of Women: Its Nature, Structure, and Origins*, Oxford.
- Westrem, S. D. (2001), *The Hereford Map. A Transcription and Translation of the Legend with Commentary*, Turnhout.
- Williams, D. (1987), “Aegina, Aphaia-Tempel XI: the pottery from the second limestone temple and the later history of the sanctuary”, *AA*: 629-680.
- Williamson, G. (2004), “Aspects of identity”, in C. Howgego, V. Heuchert, A. Burnett (eds.), *Coinage and Identity in the Roman Provinces*, Oxford, 19-27.
- Winiarczyk, M. (2013), *The «Sacred History» of Euhemerus of Messene*, Berlin.
- Witschel, Chr. (1995a), “Römische Tempelkultbilder und Römische Kaiserstatuen als Tempelkultbilder”, in K. Stemmer, (ed.), *Standorte. Kontext und Funktion antiker Skulptur; Ausstellungskatalog Abgufssammlung*, Berlin, 250-265.
- Witschel, Chr. (1995b), “Statuen auf römischen Platzanlagen unter besonderer Berücksichtigung von Timgad (Algerien)”, in K. Stemmer (ed.), *Standorte. Kontext und Funktion antiker Skulptur; Ausstellungskatalog Abgufssammlung*, Berlin, 332-358.
- Witschel, Chr. (2002), “Zum Problem der Identifizierung von munizipalen Kaiserkultstätten”, *Klio* 84: 114-124.

- Wlosok, A. (ed.) (1978), *Römischer Kaiserkult*, Darmstadt.
- Wojciechowski, P. (2002), “Il culto di Beleno ad Aquileia romana. Origini, interpretatio Romana e la cosiddetta rinascita celtica”, in *Gli echi della terra. Presenze celtiche in Friuli. Dati materiali e momenti dell'immaginario. Convegno di studi, Castello di Gorizia, 5 - 7 ottobre 2001*, Pisa, 29-35.
- Woodard, R. (ed.) (2007), *The Cambridge Companion to Greek Mythology*, Cambridge.
- Woodhead, A. G. (1962), *The Greeks in the West*. London. (Trad. port., *Os Gregos no Ocidente*).
- Wolf, G. (1996), “Monumental writing and the expansion of the Roman society in the Early Empire”, *JRS* 86: 22-39.
- Wolf, G. (2002), “Afterword. How the Latin West was won”, in A. Cooney (ed.), *Becoming Roman, writing Latin? Literacy and Epigraphy in the Roman West*, *JRA Suppl. Ser.* 48: 181-188.
- Yatromanolakis, Y. (2005), “*Poleos erastes*. The Greek city as the beloved”, in E. Stafford, J. Herrin (eds.), *Personification in the Greek World: From Antiquity to Byzantium*, London, 267-284.
- Young, T. Cuyler (1980), “480/479 B.C. – A Persian Perspective”, *Iranica Antiqua* 15: 213-39.
- Zamora, J. A. (2005), “La práctica de escribir entre los primeros fenicios peninsulares y la introducción de la escritura entre los pueblos paleohispánicos”, *Palaeohispanica* 5: 155-19.
- Zanichelli, G. Z. (2005), “Il mito di Troia nell'immaginario medievale”, in G. Burzacchini (coord.), *Troia tra realtà e leggenda*, Parma.
- Zanker, P. (1983), *Provinzielle Kaiserporträts. Zur Rezeption der Selbstdarstellung der Princeps*, München.
- Zaoli, G. (1912), “Lo Studio bolognese e papa Martino V”, *Studi e Memorie per la storia dell'Università di Bologna* I – série v. III: 105-188.
- Zecchini, G. (ed.) (2015), *L'Augusteum di Narona. Atti della Giornata di Studi. Roma 31 maggio 2013*, (Centro ricerche e documentazione sull'antichità classica, monografie, 37), Roma.
- Zimmermann, K. (2000), “‘Αφροδίτη' ἀνεθήκε.....Zu einem Dachziegel mit Votivinschrift”, in A. Avram, M. Babeş (eds), *Olbia, Civilisation grecque et cultures antiques périphériques. Hommages à P. Alexandrescu à son 70<sup>e</sup> anniversaire*, Bucarest, 239-251.
- Zurara, G. E. de (1972), *Chronica do Conde Dom Pedro de Meneses*, II, Lisboa.